# Relatos da Literatura de Volta Redonda

VOLUME 1

**Djalma Augusto dos Santos Mello**

**José Huguenin**

***(Organizadores)***

# Relatos da Literatura de Volta Redonda

VOLUME 1

**1ª Edição**

**Volta Redonda – RJ**

**AVL**

2024 © Vários autores

2024© Academia Volta-redondense de Letras

Organização e apresentação: Djalma Augusto dos Santos Mello
José Huguenin

Projeto gráfico e editoração: José Huguenin

Revisão: Antônio Oliveira Pena

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bruno Alves de Andrade CRB 7ª/7074

---

M527 Mello, Djalma Augusto dos Santos; Huguenin, José

Relatos da literatura de Volta Redonda. / Djalma Augusto dos Santos Mello, José Huguenin. 1ª ed. – Volta Redonda, RJ: AVL-Associação Volta-redondense de Letras, 2024.

140 p. il.; 21 cm.

ISBN 978-65-993451-7-3

1. Ensaios Brasileiros 2. AVL-Academia Volta-redondense de Letras I. Título. CDD- B 869.4

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ensaios: Literatura Brasileira - B869.4

Diretoria da AVL (2024-2025)
Presidente: Jean Carlos Gomes
Vice-presidente: Débora Corsi
Secretária: Angela Alves Crisplim
Tesoureira: Camila Cabral
Diretoria Social: Thalita Whutke
Coordenação Editorial: José Huguenin

## Sumário

**APRESENTAÇÃO**

A LITERATURA DA CIDADE DO AÇO
Guto Mello e José Huguenin.....8

**AUTORAS E AUTORES**

MARIA JOSÉ BULHÕES MALDONADO
E SUA POESIA
Antônio Oliveira Pena.....14

JOSÉ LUIZ DE OLIVEIRA, SINÔNIMO:
GLAN – GRÊMIO LITERÁRIO DE AUTORES NOVOS
Angela Alves Crispim.....26

PEDRO VIANA FILHO:
DE POETA A HISTORIADOR
Angela Alves Crispim e Jean Carlos Gomes.....36

R. GORI: INCONTÁVEL, INCONTÍVEL
Flávia Souza Lima.....59

EM MEMÓRIA DE UM HOMEM
VERDADEIRO
Giovani Miguez.....71

## MOVIMENTOS LITERÁRIOS

A POESIA EM VOLTA REDONDA
Regina Vilarinhos.....95

SARAUS EM VOLTA REDONDA,
HISTÓRIAS QUE DESEMBOCAM
NO CIRCUNLÓKIOS
Giglio.....101

SARAU CONVERSO:
O ENCONTRO DAS ARTES
Saulo Soares.....110

## INSTITUIÇÕES LITERÁRIAS

GLAN:
GRÊMIO LITERÁRIO DE AUTORES NOVOS
DE VOLTA REDONDA, “UM SONHO ENCANTADO”
Silvia Helena Xándy.....119

NOTAS MEMORIALISTAS DA AVL
Mércia Heloísa Monteiro Christani.....129

# Apresentação

# A LITERATURA DA CIDADE DO AÇO

Djalma Augusto dos Santos Mello
(Guto Mello)[1]

José Huguenin[2]

Volta Redonda, cidade do Sul Fluminense, berço da industrialização no Brasil, é conhecida como a Cidade do Aço. Mas nem só de aço vive esta cidade. Ela tem muita arte e não seria diferente na arte literária. A literatura de Volta Redonda tem uma heterogeneidade histórica e o seu *leitmotiv* é a poesia como tronco da rica historiografia que se faz presente desde a década de 1970. A ideia de construir uma série de livros que pudessem

[1] Escritor, historiador, membro da Academia Volta-redondense de Letras, Académie de Lettres et Arts Luso-Suisse e da Academia Fluminense de Letras.
[2] Escritor, poeta, membro da Academia Volta-redondense de Letras e da Academia Fluminense de Letras.

registrar e divulgar essa literatura toma forma neste primeiro volume, que é dividido em três partes: Autoras e Autores, Movimentos literários e Instituições literárias.

Na parte **Autoras e Autores**, temos a apresentação de nomes de imortais da Academia Volta-redondense de Letras (AVL) que não estão mais entre nós e deixaram um legado marcante.

A escritora Maria José Maldonado, imortal e membro fundador da AVL, é poeticamente apresentada pelo professor e poeta Antônio Pena. Maldonado seguiu à risca suas origens na literatura lusitana, por ter apresentado uma historiografia literária neobarroca e camoniana, mantendo a sua identidade e culturalmente reconhecer-se ladeada de escritores portugueses, dentre eles, Tomás António Gonzaga, poeta do arcadismo luso-romano, bucólico e com uma ótica sociológica, assim como o escritor humanista Gil Vicente, um dos expoentes da literatura portuguesa, tornando-se uma referência intelectual na terra de Fernando Pessoa, assim como Maria José Maldonado na cidade de Volta Redonda.

Os textos em prosa têm um marco em Volta Redonda com a publicação do Romance *Preconceito de cor*, do imortal e membro fundador da AVL, José Luiz de Oliveira, que foi fundador do GLAN –

Grêmio Literário de Autores Novos, em 1975. José Luiz liderou um processo de publicação de antologias que permitiu o acesso de vários autores às suas primeiras publicações e ajudou a difundir a literatura da Cidade do Aço. Além de sua militância literária, que tem o respeito de todos, deixou-nos um obra bem diversificada, aqui apresentadas pela acadêmica Angela Alves Crispim.

O escritor imortal e membro fundador da AVL, Pedro Viana Filho, soube, como poucos, estreitar a poesia e a História de uma forma inteligível. Sua literatura trovadoresca medieval foi escrita com esmero e, não por acaso, sua conexão com a literatura de cordel – consueto no Nordeste brasileiro – tem origem medieval e foi inserido culturalmente pelos portugueses ainda nos quinhentos e um apêndices do trovadorismo histórico, lirismo poético e canônico. Ele e sua obra são apresentados pelos acadêmicos Angela Alves Crispim e Jean Carlos Gomes.

O escritor, artista plástico, imortal e membro fundador da AVL, Ronaldo João Gori, ganha uma poética apresentação da sobrinha-poeta, a acadêmica Flávia Souza Lima. Gori tem um papel importantíssimo na cultura de Volta Redonda. Os afetos envolvidos delineiam um artista sensível e grandioso.

O que dizer sobre Vicente Melo, imortal da AVL? Essa é uma indagação pertinente do escritor Giovani Miguez sobre o escritor e jornalista. São tantas coisas e não caberiam na breve introdução de um expoente, resiliente e conhecido por um bom humor recheado de pilhérias faladas no momento certo. Sua sabedoria era uma escola e sua fala bonançosa é fruto de um homem que aproveitou cada instante da sua vida, sobretudo no campo da escrita, na cultura e na História por ter feito parte da Comissão da Verdade, apontando fatos históricos empíricos e documentais de um dos momentos mais sombrios da História do Brasil no Regime Militar (1964-1985). Sua vida se encerrou na condição de presidente da Academia Volta-redondense de Letras e com todas as credenciais necessárias, sobretudo o fato de ter sido um intelectual híbrido.

Entre as décadas de 1980 e 2000, a literatura volta-redondense deu uma guinada para a literatura popular, desenvolvida pela embrionária esfera pública literária (HABERMAS), uma poesia suja não no sentido pejorativo, mas um novo recorte na literatura modernista em que o principal expoente no século XX foi Ferreira Gullar, no entanto a complexidade da literatura suja vai além de uma análise simplista. O poeta sujo vai muito além com um tecido literário plural entre a vontade da

potência nietzschiana, o devir histórico na poesia e a cultura marxista ecoaram na Toca do Arigó com uma turma engajada e respirando os ares da democracia cultural e intelectual. A parte **Movimentos Literários** traz essa vertente com os magníficos textos da poeta e acadêmica Regina Vilarinhos, do poeta e ator Giglio e termina com um movimento contemporâneo de poesia apresentado pelo poeta e presidente da Academia Literária de Piraí, Saulo Soares.

Na última parte, **Instituições**, temos a apresentação das duas mais significativas instituições literárias volta-redondenses: o GLAN e, evidentemente, a AVL. A acadêmica da AVL, escritora e poeta Silvia Helena Xándy, apresenta o Grêmio Literário de Autores Novos, que presidiu por muitos anos. A nossa Academia Volta-redondense de letras tem notas memorialistas da professora, advogada, poeta, acadêmica, membro fundador, e ex-presidente da AVL, Mércia Christani.

O projeto nasce com este primeiro volume, que traz um bom primeiro retrato da literatura pujante da Cidade do Aço. Há ainda muitos capítulos a serem registrados e que serão escritos ao longo dos anos.

Desejamos uma boa leitura!

# AUTORAS
# E
# AUTORES

# MARIA JOSÉ BULHÕES MALDONADO E SUA POESIA

Antônio Oliveira Pena[3]

Maria José Bulhões Maldonado foi uma poetisa portuguesa nascida no ano de 1922, em Estremoz, Alentejo, e que, após um longo período em Lourenço Marques — Moçambique, se mudaria para o Brasil, vindo a fixar residência definitiva na cidade de Volta Redonda. Sobre sua pessoa propriamente, eu, que com ela convivi muito de perto, poderia dizer que era de grande generosidade, sempre pronta a atender a quem lhe batesse à porta, fosse por questões cotidianas das mais simples, como a

[3] Professor de Língua Portuguesa, poeta e escritor.

de quem estivesse a pedir uma ajuda, como simples trocados ou mantimentos, fosse por um motivo mais elevado, digo: voltado às coisas do espírito, como a de quem carecesse com urgência de um palpite acerca de um trabalho literário seu, do qual não pudesse por si mesmo fazer justo julgamento, vendo então na poetisa pessoa mais capaz de uma avaliação isenta e precisa. Sobre seus poemas, acredito que minha proximidade com ela, aliada à grande admiração que nutria por seu trabalho, dão--me propriedade para falar.

Dona de um estilo pessoalíssimo e envolvente, Maria José Bulhões Maldonado fez-se autora de uma poesia de comprometimento social, engajada e sobretudo pertencente a seu tempo. No livro de estreia, *Cântico à vida*, publicado em Portugal, terra que a viu nascer, conquanto manifestasse muito da paixão característica de sua obra, ainda não apontava para o complexo tema que viria a abordar — o do homem dentro de uma

sociedade injusta e cruel, marcada por desigualdades e pela cobiça desmedida de uma minoria privilegiada, mas o fato é que, já em *Teia do tempo*, seu segundo livro, confeccionado pela Tempográfica S.A.R.L., em Lourenço Marques — África Oriental, em poema de abertura ela é direta:

*Abri-me a porta da vossa dor.*
*Venho de longe, de outro lugar.*
*Minha bagagem é toda amor*
*para vos dar.*

*O olhar cheio de sol e espuma,*
*Esperança e Paz em cada mão,*
*e Fé mais alta rasgando a bruma*
*da solidão.*

*Venho de longe, de outras paragens...*
*Vesti a alma de claridade.*
*Trago-vos flores, trago mensagens*

*de HUMANINADE.*

Di-lo a poetisa numa atitude de generosidade e de amor pelo seu semelhante. E é esse sentimento que percorrerá as páginas seguintes da coletânea, sentimento que se estenderia ainda, com o mesmo fervor, às obras escritas por ela posteriormente, e com o qual estamparia, em antologias e jornais, poemas de denúncia e participação, nunca à margem das questões que afligem o homem e para as quais, parece, somente na partilha e na comunhão haverá saída.

*Dias habitados*, seu terceiro volume de versos, já publicado em solo brasileiro, pela Gazetilha Editora, de Volta Redonda, é, com certeza, seu livro mais saudado. Constituído de textos de largo fôlego e vibrante inspiração, imprime definitivamente essa marca em Maldonado — a de um coração sensibilizado com a existência humana e seus problemas:

*Comportas da minh'alma abri-vos*
*deixai entrar:*
*todos os mendigos do sonho*
*todos os miseráveis do isolamento*
*todos os vagabundos do amor*
*todos as prostitutas do cais*
*todos os bêbados de ódio*
*todos os pederastas*
*todos os negros dos batelões*
*jangadas e pirogas.*

Em *Perspectivas de pássaro*, de 1990, escrito todo ele e dado a lume na cidade de Volta Redonda, pela Masiero´s Gráfica e Editora, a meu ver, seu mais belo trabalho, a autora cede lugar a um discurso menos inflamado, apesar de que não menos profundo, à feição de *Teia do tempo*, e nele

amplia sua temática. É, a essa altura, senhora de si, e o que fará daí em diante é "puro exercício de voo".

*Que minha poesia seja:*
*faísca a incendiar ideais*
*lava de amor*
*clarão*
*e luz eterna*
*na escuridão do mundo*

*Espírito do vinho*
*para a dormência das dores*
*Concha do mar*
*batida pelas ondas*
*e regressada à praia*
*Promessa de vida*
*grãos de trigo*
*ondulando ao vento*
*sazonados e colhidos*
*para o RITUAL DO PÃO*

*na labuta da semente*

*Que minha poesia seja:*
*borboleta multicor*
*sorvendo o pólen da vida e do amor*
*E o poema se fará*
*PURO EXERCÍCIO DE VOO.*

Os seus dois últimos trabalhos no campo das letras serão duas antologias acompanhadas de algum material inédito, a saber: *Navegante da palavra* e *Amor-mundi*.

De *Navegante da palavra*, impresso na Gazetilha Editora, no ano de 1998, disse a também poetisa e grande cronista de Barra Mansa Eliette Ferreira: "Não ficará restrito aos limites visíveis de nossos horizontes. Há de chegar bem longe debaixo de outros céus, até perder-se de nossa vista. E levará, aos homens de outras plagas, a beleza

interior da poetisa que em boa hora veio viver entre nós".

Desse belo volume antológico, não se poderá subestimar a parte inédita, por conta de versos, ainda que bastante melancólicos, de indiscutível beleza, de uma beleza evidentemente crepuscular, dentre os quais destaco os do poema "A mágoa comum":

*Já tive força de semente gerando vida.*
*Um dia incitei a olhar para o lado e amar.*
*Hoje, sou esta névoa do ser sem novos*
*| horizontes;*
*esta dor nos olhos da alma;*
*esta luz sem reflexo;*
*esta angústia maior que o mundo.*
*Não me coloquem em pedestais,*
*sou barro frágil e falível.*
*Pensam-me luz o tempo todo*
*e eu sou luz e trevas, porque humana.*

*Julgam-me inteira e ignoram*
*em quantos fragmentos estou quebrada.*
*Minha alma está exausta de sentir.*
*Minha voz silenciosa.*
*Qual o ritmo do meu coração cansado?*
*Deixem-me quieta, como pedra mergulhada*
*| no rio do destino.*
*Pedra que ninguém move porque está*
*| submersa*
*nas águas turvas da indiferença.*
*Ah! Deixem-me assim parada,*
*assim nula para a vida,*
*sem o esforço da luta,*
*sem o desconforto da mudança.*
*Com este cansaço de séculos sobre os*
*|ombros.*
*O caos que assola o planeta*
*fere-me a alma em carne viva,*
*na impossibilidade de secar lágrimas*
*com lenços de piedade.*

*Espadas de fogo queimaram a esperança*
*e refugio-me no infinito da dor,*
*Esse vazio, esta náusea*
*será já o ensaio para a morte?*
*Na MÁGOA COMUM*
*está a razão deste desassossego.*

Em *Amor-mundi*, de 2008, impresso pela Prosa e Verso Editora Ltda, Campinas, temos, além de seleto e volumoso número de composições de toda a vida da autora, aqueles que poderíamos considerar os seus últimos trabalhos, pois nos deixaria menos de dois anos depois; e dentre esses trabalhos, este, intitulado: "A sutileza da vida", algo lapidar:

*Minha voz não encontra eco*
*do que me supus.*
*E procuro ver-me na distância*
*a que ficou minha alegria.*

*Resquícios de sol de amor*
*ou substância risível do sonho?*

*Impossível é este estar na vida*
*ouvindo os passos da morte.*
*É este vácuo de não ser,*
*este poente a esvair-se.*
*Este grotesco envelhecimento*
*da matéria.*
*Este cansaço de pensamento*
*em término de linha...*

*A SUTILEZA DA VIDA NA ADVERTÊNCIA DO*
*| FIM.*

*Mas há dias ensolarados,*
*em que a procura da nova identidade*
*persiste através de todos os desvios,*
*de todos os desânimos,*
*de todas as mortes da alma.*

*A POESIA é a mensagem da esperança!*
*Substância essencial que me dá VIDA.*

Acerca dessa poetisa de talento excepcional e de quem tive a honra de ser amigo, mais apropriados não serão outros que os versos de Fernando Pessoa, que dizem: "Assim, em cada lago, a lua toda/ brilha, porque alta vive."

# JOSÉ LUIZ DE OLIVEIRA, SINÔNIMO: GLAN – GRÊMIO LITERÁRIO DE AUTORES NOVOS

Angela Alves Crispim[4]

José Luiz de Oliveira nasceu em 9 de outubro de 1924, na cidade de Guaraciaba, Minas Gerais, e faleceu em Volta Redonda, em 7 de abril de 2010. Portanto, em 2024, se estivesse vivo, completaria 100 anos de idade. Casou-se em 1947 com Alaide de Paula Oliveira e tiveram 5 filhos. Do seu segundo casamento em 1996, com Ana da Silva Oliveira, nasceu Josilene Silva de Oliveira. [1, 2]

[4] Professora, poeta, acadêmica, ocupa a cadeira 14 da AVL.

Em 1958, publicou o seu primeiro livro, um romance, intitulado *Preconceito de Cor*.

Em 1975, fundou o GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos.

Foi correspondente de várias entidades literárias no Brasil e no exterior, tais como: Academia Anapolitana de Filosofia, Ciências e Letras de Anápolis, Goiás; Academia Eldoradense de Letras, Eldorado, São Paulo; Academia de Letras e Estudos de Corumbá, Mato Grosso do Sul; Academia Petropolitana de Letras de Petrópolis, Rio de Janeiro. Membro efetivo da UPI – União dos Profissionais da Imprensa do Rio de Janeiro.

Recebeu um título de honra de "Amicale de Club Intellectuel Français", tornando-se acadêmico de honra de "La Fleur des Neiges", título de honra de "La Rose," Port-de-Bouc de France. Foi correspondente da revista *O Mensageiro da Poesia*, de Portugal.

Em 20 de março de 1998, Dia do Poeta, o GLAN o agraciou com uma Menção Honrosa, recebendo uma placa de prata, pela divulgação da Literatura na Região.

Este ensaio tem como objetivo principal resgatar um pouco da memória do importante trabalho executado por José Luiz, nome literário, em prol da literatura e dos escritores reconhecidos e/ou iniciantes de nossa região.

Este bravo mineiro, um eterno apaixonado, defensor da divulgação literária, tinha "aproximadamente 1,60 de altura, e um coração gigantesco", possuía uma grande capacidade de fortalecer a amizade entre as pessoas que o cercavam. Sua ambição principal era "o amor às letras, às ideias e aos sonhos", tornando possível a sobrevivência do GLAN em seus tempos mais difíceis, dizendo sempre: "O grêmio é uma família".

Com certeza, pode-se afirmar que José Luiz de Oliveira é um sinônimo para GLAN – Grêmio

Literário de Autores Novos. Um está intrinsecamente relacionado ao outro.

O Sr. José Luiz teve sua estreia na literatura volta-redondense com o livro *Preconceito de Cor* em 1958. Em sua trajetória, desenvolveu um trabalho incansável para divulgar a literatura em nosso município, agregando em seu entorno autores com trabalhos publicados e reconhecidos e os iniciantes, aos quais incentivava sempre que publicassem seus escritos. Representou a nossa literatura como membro correspondente em várias entidades, no Brasil e no exterior.

Além de sua participação em várias das coletâneas em Volta Redonda e em Barra Mansa, também publicou: *Beija-Flor* (poesia), em 1998; novela popular, *O Homem que se casou com a Cadelinha Branca*, em 2003; *Eu e Você – Crônicas e Poesias*, em 2004; *Poemas Bíblicos e Novos Temas Poéticos*, em 2009.

No livro *Beija-Flor*, pode-se observar o seu bom humor e sensibilidade em vários momentos através de versos, como:

*Quando nasce uma criança,*
*Tem perfume de jasmim.*
*É uma nova vida que surge;*
*Mais um pedacinho de mim.*

*Nunca vi numa gaiola*
*Um beija-flor aprisionado,*
*Creio que ninguém prenderia*
*Um pássaro tão delicado.*

*Feliz fica a moça*
*No dia que vai se casar.*
*Depois vem a tristeza*
*Se não tem casa pra morar.*

*Esta sorte não é pra mim,*
*Mas, se ela vem de Alá,*
*Seguirei qual galo velho,*
*belisca aqui, bica acolá.*

*O garimpeiro é um peão*
*Como da indústria ou boiadeiro,*
*Trabalha o dia todo*
*E sempre está sem dinheiro.*

*A pior coisa da vida*
*É ter mulher mal-humorada.*
*Está sempre de mal com a vida,*
*Não se conforma com nada.*

Em *Eu e Você – Crônicas e Poesias*, podemos apreciar o seu lado cronista ao desenvolver duas histórias de amor, sonho e perda. Bem como um conjunto de poesias novas e outras que recapitulam alguns momentos do livro *Beija-Flor*.

Na novela *O Homem que se casou com uma Cadelinha Branca*, há uma mistura de conto romântico entremeado com suspense, onde a principal personagem tem habilidades especiais e quer descobrir o amor verdadeiro, testando com exigências estanhas a quem a pede em casamento.

Em *Poemas Bíblicos e Novos Temas Poéticos*, buscou transformar em poemas alguns momentos descritos na Bíblia Sagrada, dos quais destacamos:

*Adão foi o primeiro homem*
*Que por Deus foi criado,*
*Em uma estátua de barro*
*O espírito da vida foi-lhe soprado.*

*Noé abriu as portas da arca*
*Mandou a todos desembarcar,*
*Novamente habitaram a terra,*
*Mas logo voltaram a pecar.*

*Dos doze filhos de Jacó*
*José foi o escolhido,*
*Por inveja dos irmãos*
*Para o Egito foi vendido.*

*Lá do alto da montanha*
*Moisés estava em pensamentos,*
*Numa lápida de pedra lascada*
*Escrevia os dez mandamentos.*

Além dos livros mencionados, poderemos encontrar sua participação numa grande quantidade de poemas, contos e crônicas publicadas nas coletâneas de contos e poesias do GLAN, onde sua presença foi constante. Fazia parte de sua personalidade, sempre, buscar e estimular a participação dos antigos e novos escritores nas coletâneas, dispendendo um enorme esforço,

dedicação, determinação e muita coragem diante de todas as adversidades encontradas pelo caminho.

O escritor e o homem José Luiz de Oliveira foram de fundamental importância para muitos dos atuais autores em nossa cidade. Vários deles iniciaram sua vida literária a partir de publicações nas coletâneas do GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos.

Vencendo todas as dificuldades inerentes à época, José Luiz conseguiu lançar, a duras penas, o seu primeiro livro *Preconceito de Cor*, que foi um marco para a literatura em nosso município, merecendo, por toda a sua luta constante e incansável, nosso respeito e admiração. Esse livro foi reeditado pela AVL em 2024, ano de seu centenário de nascimento, cuja versão eletrônica pode ser obtida gratuitamente no *site* da academia.

Seus trabalhos apresentam ideias singelas, românticas, de uma beleza incomparável pela simplicidade com que nos toca.

Ele completaria 100 anos em outubro. Seu corpo físico partiu antes, mas sua coragem, determinação e perspicácia estarão sempre presentes na memória daqueles que tiveram a sorte de conviver com ele e participar de sua trajetória.

BIBLIOGRAFIA:

OLIVEIRA, José Luiz, *Beija-Flor*.1998.
OLIVEIRA, José Luiz, *O Homem que se casou com uma Cadelinha Branca*. Novela – coleção popular. Editora Lenheiros, 2003.
OLIVEIRA, José Luiz, *Eu e Você – Crônicas e Poesias*. Editora A Voz do Lenheiro, 2004.
OLIVEIRA, José Luiz, *Poemas Bíblicos e Novos Temas Poéticos*. 2009.

# PEDRO VIANA FILHO:
# DE POETA A HISTORIADOR

Angela Alves Crispim[5]
Jean Carlos Gomes[6]

Pedro Alves Viana Filho nasceu em Barra do Piraí/RJ, em 18/10/1926, vindo para Volta Redonda em 1942, onde residiu até o seu falecimento em 1/10/2010, aos 83 anos. Casou-se por duas vezes, tendo, do primeiro matrimônio, seis filhos, e do segundo, dois. Foi um dos autores mais condecorados a nível nacional da região sul fluminense. Recebeu muitos prêmios, certificados, diplomas, troféus, medalhas, títulos e homenagens.

[5] Professora, poeta, escritora, ocupa a cadeira 14 da AVL.
[6] Poeta, editor, colunista, ocupa a cadeira 29 da AVL.

Deixou vários textos inéditos, entre poesias, sonetos, sonetilhos, trovas, acrósticos, prosas, monografias e humor.

Pode-se dizer que sua carreira literária se iniciou aos 9 anos de idade, em 1935, ao conquistar o primeiro lugar no Concurso Estadual de Literatura, promovido pelo Ministério da Agricultura.

Foi colaborador no jornal *A voz Trabalhista*, do Rio de Janeiro. Fundou e dirigiu o jornal *O Arauto*. Participou da inauguração do GREBAL – Grêmio Barra-mansense de Letras, de Barra Mansa/RJ, em 6/3/1975, e do GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos de Volta Redonda/RJ, em 5/7/1975. Tomou posse na cadeira nº 15, como membro fundador da Academia Barra-mansense de Letras, de Barra Mansa/RJ, em 16/10/2004, e como membro fundador na cadeira nº 10 da Academia Volta-redondense de Letras, de Volta Redonda/RJ, em 26/8/ 2005.

Publicou vários livros, onde demonstrou toda a sua característica poética e religiosidade, evidenciadas em: *As maravilhosas parábolas de Jesus*, em 1993, de poesias, e *O mais seleto humor evangélico*, volume I, em 1993; II, em 1994; III, em 1995, e IV, em 1996, dos quais fizeram parte pequenos contos e alguns poemas.

Dos seus diversos trabalhos, entretanto, destacaremos três de suas obras ainda inéditas e que permanecem sob a forma de livretos, nos quais Pedro Viana demonstra claramente toda a sua habilidade como um *poeta-historiador*: *A guerra de Canudos*, de 31/10/1997; *As batalhas de Guararapes*, de 16/10/1998 e *Uma luz na história*, sobre a vida do Marechal Rondon, do ano 2000.

Este trabalho tem por objetivo principal mostrar o lado poético e historiador do autor Pedro Alves Viana Filho, que, através de versos na literatura de cordel, ilustra toda uma saga de coragem e luta, dando-nos a oportunidade de rever

a história de conquistas de nosso país. Tem, também, por objetivo apresentar algumas informações sobre esses trabalhos que, apesar de ainda não estarem publicados, merecem a nossa especial atenção.

Antes de apresentarmos fragmentos das três obras inéditas anteriormente mencionadas, tornou-se necessário demonstrar alguns dos momentos poéticos em seus versos publicados, para que o leitor tenha uma visão geral das potencialidades e realizações do escritor.

A *XXI Coletânea do GLAN* (2005), iniciou-se com o poema *Flores nos portais*, de Pedro Viana, em comemoração aos trinta anos da agremiação. Na mesma coletânea, em *A musa da janela* romantiza um amor por uma mulher aparentemente inalcançável, mas que o cativa.

Na *XXII Coletânea do GLAN* (2007), em *A hora da colheita*, faz menção a S. Marcos, 4:26 a 29, descrevendo poeticamente um semeador em sua

labuta e o seu agradecimento a Deus pela graça concedida ao ver a espiga granada.

Em seu livro *Minhas trovas mais queridas*, publicado em 1975, demonstra para o leitor o seu lado sensível quando diz que SER POETA É...

*Sentir da brisa o frescor,*
*sentir da flor o perfume.*
*É sentir na alma o queixume*
*e sentir no peito o amor.*

No poema "Humorísticas", apresenta o seu lado irreverente ao mencionar que

*Por um beijo ter roubado*
*me encerraram na prisão.*
*Estou bem preso e amarrado*
*com cordas do coração.*

No poema "Bíblicas", a sua religiosidade se sobressai quando diz:

*– É mito: Deus não existe!*
*afirmam néscios e ateus.*
*Minha fé porém consiste*
*na onipresença de Deus!*.

Sua lógica contraditória é demonstrada no poema "Irônicas",

*Há muita gente na vida*
*que quer sempre muito mais,*
*tomba triste na subida,*
*porque nada a satisfaz.*

No livro *Sonetos para você*, de 1986, transmite a força de um amor constante, através dos poemas: "Em duas faces da vida", no terceto

*A vida é tão fugaz como o beijar da brisa;*
*volúvel, qual soprar do vento. É imprecisa...*
*Efêmero sonhar de ilusões repentinas."*

E "*Ser poeta"*, em que esclarece que

*Ser poeta é viver apaixonado*
*por tudo quanto é belo neste mundo;*
*ver um poema no céu azul profundo;*
*e ver na terra, o mundo decantado*

No poema "Amo!", declara um sentimento maior quando afirma:

*Amo a fúria do mar; amo a bonança;*
*amo o negro e o malaio; minha raça;*
*amo o rito da vida, – a louca dança,*
*qual folha verde, quando o vento passa!*

No livro *Bolas de sabão – sonetos e poemas*, de 1998, divide todo o seu conhecimento e sabedoria com um jovem poeta, Jean Carlos Gomes, incentivando-o quanto à arte de escrever. Em sua introdução nos brinda com um retrospecto ao seu passado: *"Assim pelas esquinas da vida, como nos velhos tempos de menino, com espumas na canequinha e canudinho na mão, resolvemos sair por aí, soltando as nossas bolinhas de sabão"*. Destacamos alguns dos seus poemas como, "Bolas de sabão", onde a memória de criança está presente nos versos:

*"Lembro-me, muito bem, quando eu era*
*| pequeno,*
*gostava de fazer bolinha de sabão.*
*E cheio de esperança olhava o céu sereno,*
*vendo subir tão alto o meu lindo balão!*

No poema "O adolescente", podemos apreciar sua sensibilidade nos versos:

*Como o desabrochar da flor no prado;*
*qual despontar do sol incandescente;*
*como o vigor do mar encapelado,*
*assim é a vida do adolescente.*

Em "Sombras":

*Nem tudo nesta vida é desventura...*
*Há sempre um minutinho de alegria.*
*Se nos molesta a sombra da amargura,*
*a nuvem passa e mostra a luz do dia.*

"O segredo dos olhos" tem uma conotação profunda:

*O que sei dizer eu digo,*
*o que não sei, faço assim:*

*Em vez de falar contigo,*
*meus olhos falam por mim!.*

O livro *A carta de Pero Vaz de Caminha* faz parte de uma série de clássicos históricos, trazendo poemas permeados com uma dose de humor. Destacamos os trechos:

*"E como a desfilar por largas ruas,*
*lá iam quatro ou cinco moças nuas*
*que não se apresentavam nada mal!*
*Enquanto o Capitão mirava o mar*
*eu me perdia ali, a contemplar*
*de cada corpo o encanto natural!*

e

*Seduzido ficou nosso Caminha*
*ao contemplar a índia bem novinha*
*que por ali passava descuidada!*
*Pois nunca vira outra tão gentil*
*e nem que apresentasse tal perfil*

*que deixasse sua alma extasiada.*

Em um de seus poemas revive um conceito histórico incorporado quanto a sua Carta:

*Disse Caminha nestas frases lindas:*
*Suas águas são muitas; são infindas...*
*A terra é pródiga; é um maná!*
*E posso garantir a Vossa Alteza,*
*Que nesta terra de real grandeza,*
*Querendo cultivá-la, tudo dá!*.

*As maravilhosas parábolas de Jesus*, de 1993, também é um livro de poesias, onde citações bíblicas servem como inspiração na composição de vários poemas. Podemos constatar o seu lado religioso em um dos versos do poema "A parábola", onde escreve:

*A parábola é um canto excelso;*

*é uma frase dura para demolir rochas;*
*é uma história simples que transcende*
*| gerações...*
*É um verso suave para um sentimento puro;*
*é uma poesia singela para gente humilde;*
*é um poema de amor que atinge os corações.*

Escreveu também *O mais seleto humor evangélico,* sendo composto por quatro volumes: I, de 1993; II, de 1994; III, de 1995; e IV, de 1996. Em todos eles podemos apreciar pequenos contos bem humorados envolvendo, de forma sutil, a relação fortemente religiosa do autor. Nestes livros também encontramos alguns poemas.

Em *A arca de Salomão*, de 2001, o poeta comenta em sua apresentação que, ao pesquisar os escritos de *Provérbios* e *Eclesiastes*, descobriu que Salomão colhia lições preciosas dos chamados "seres irracionais". Entre alguns de seus escritos destacamos:

*"Como a gazela que foge*
*das garras do caçador,*
*livra-te, filho, de quem*
*quer fazer-te fiador. (Prov. 6:1-5)."*

*"Se os teus olhos estão postos*
*nas riquezas, meu irmão,*
*cuidado que elas têm asas*
*e como águias voarão! (Prov. 23:5)"*.

Além dos provérbios, adicionou várias curiosidades correlacionadas aos textos.

Três de suas obras ainda não publicadas são reconhecidas e premiadas como altamente relevantes. A partir da transcrição em três livretos, foi possível evidenciar o seu lado de poeta e historiador em: *A guerra de Canudos*, de 31/10/1997, *As batalhas de Guararapes*, de 16/10/1998, e *Uma luz na história*, sobre a vida do

Marechal Rondon, de 2000. Pedro Viana realizou um trabalho profundo de pesquisa, conseguindo transpor em versos toda a saga de heróis conhecidos pelos relatos históricos, mas pouco compreendidos em sua luta na defesa do nosso povo e país.

A obra *A guerra de Canudos*, que ocorreu entre 1896 e 1897, foi premiada pela Diretoria de Assuntos Culturais do Ministério do Exército, por ocasião da comemoração ao seu primeiro centenário, em 5 de outubro de 1997. Destacamos quatro de seus versos:

*O rio Vaza-Barris,*
*Na luta dos dois Brasis,*
*Olhava tudo chorando!...*
*Pois sentia grande mágoa,*
*Por não ver um pingo d'água,*
*Mas ver o sangue jorrando!…*

*Assim, surgiu Antônio Conselheiro,*
*O Cristo, o general, o escudeiro,*
*O beato andrajoso, o peregrino...*
*Um pastor da caatinga requeimada,*
*Conduzindo uma grei finalizada*
*Em busca de incerteza do destino.*

*Filho do meu Brasil! Irmão do Norte,*
*Tão vulnerável ao revés da sorte;*
*Tão vulnerável às incompreensões...*
*Precisavas de pão e mais ensino,*
*No entanto, no brotar do desatino*
*Ganhaste o pão das bocas dos canhões!.*

*Eu me lembro! Oh se me lembro!...*
*Que aos vinte e dois de setembro*
*O Conselheiro tombou!*
*Houve pranto em todo o Norte;*
*Até o cabra mais forte*

*Não resistiu e chorou!...*

Pedro Viana conseguiu, através de seus versos, fazer com que seguíssemos toda a trajetória histórica de Antônio Conselheiro por um Brasil sofrido, conseguindo adeptos em sua luta, acabando por envolver a igreja, o governo e o povo. Descreve a coragem despendida por homens que acreditaram em suas visões e conselhos.

O conjunto de versos sobre as batalhas de Guararapes, ocorridas entre 1648 e 1649, e que assim se denominou, foi premiado pela Diretoria de Assuntos Culturais do Ministério do Exército. Nesta obra o autor narra a luta dos luso-brasileiros contra a invasão holandesa em nosso país. Entre os versos destacamos:

*O conde João Maurício de Nassau*
*Trouxe da Europa na flamenga nau*
*Um punhado de joias fulgurantes:*

*Engenheiros, doutores, paisagistas,*
*E uma gama de mestres e de artistas*
*Além dos mais famosos comerciantes.*

*Dom Antônio Felipe Camarão,*
*Nome de um bugre que virou cristão.*
*Poti – índio guerreiro do Brasil!*
*Antes de Guararapes, Porto Calvo*
*Já tinha sido o mais desejado alvo*
*Do seu lutar com porte varonil!*

*Opondo sempre a invasão batava,*
*Clara, sua mulher, também lutava,*
*Com arco e flecha a defender seu chão!*
*Nas barricadas não deixava brecha*
*Na luta intensa dispensava a flecha*
*Pra manejar o secular canhão!"*

*Quando a batalha intensa prosseguia,*

*Chega, enfim, a veloz cavalaria*
*Com Dom Antônio Silva no comando.*
*Com seus índios guerreiros, Camarão,*
*Além de Clara na cooperação*
*Vira a bravura singular do bando.*

Na descrição histórica do conflito, surgem figuras importantes que fizeram dessa luta pela integridade do país um mosaico de coragem de grandes guerreiros ao impedir a ocupação e expansão dos holandeses em busca de nossas riquezas. Através de seus versos percebemos a importância dos acontecimentos que fizeram parte da construção de nossa nação.

Com *Uma luz na história*, Pedro Viana participou do Concurso Nacional de Literatura sobre a "Vida do Marechal Rondon", narrada em um panfleto datado de 2000, do qual destacamos os seguintes versos:

*Descobrindo sua queda*
*para a caserna, seu dom.*
*Seu tio Manoel Rondon.*
*Leva-o para a Capital.*
*Lá chegando, diz ao tio:*
*"Nos meus estudos não brinco:*
*Hei de estudar com afinco*
*Pra chegar a MARECHAL!!!*

*Desbravando densas matas.*
*Para esticar os seus fios.*
*Enfrentou índios bravios.*
*Como Urimis e Terenas...*
*Saindo de Mato Grosso.*
*Do Oeste, chegando ao Norte.*
*E, jamais, temendo a morte.*
*Usou de brandura apenas!*

*Se um índio nos atacar,*
*O faz por simples defesa*

*Do que é seu, e, com certeza,*
*Ignora nossa intenção..*
*Só devemos prosseguir,*
*Pedindo a justa licença,*
*E nunca com malquerença*
*Ou praticando invasão.*

*Chegando ao fim de carreira,*
*Teve o seu sonho dourado*
*Finalmente realizado*
*No Congresso Nacional!*
*Assim, finda a bela história,*
*Contendo feitos de glória*
*De um menino que sonhara*
*Ser um dia MARECHAL.*

Nestes versos ele conta uma história sobre o sonho de um menino em ser militar, que se dedicou em realizar as suas aspirações, conseguindo transpor todas as barreiras e se tornar um grande

desbravador do Brasil, levando a comunicação por meio do telégrafo aos mais longínquos recantos do país, tendo contato com inúmeras tribos indígenas e sempre defendendo a não agressão.

Pedro Viana teve uma importante participação em nossa literatura. Em sua longa carreira escreveu poemas de amor, de luta, religiosos, contos, crônicas e se sobressaiu em diversos concursos importantes.

Participou na fundação das agremiações literárias GREBAL e GLAN, além de ser membro fundador da Academia Barra-mansense de Letras, de Barra Mansa/RJ, e da Academia Volta-redondense de Letras, de Volta Redonda/RJ.

Sua trajetória literária é claramente representada por seus trabalhos e livros publicados, demostrando um apreço especial por versos bem estruturados, além de uma parte de seu trabalho ser dedicado, em especial, à sua religiosidade.

Podemos observar, através dos versos escolhidos e contidos em três de suas obras não publicadas, todo o seu potencial como um grande pesquisador e poeta-historiador. Sendo comovente a forma com que conduziu e descreveu os fatos históricos ocorridos em *A Guerra de Canudos*, *As Batalhas de Guararapes* e *Uma Luz na História*, sobre a vida do Marechal Rondon.

Podemos afirmar que, além dos trabalhos divulgados e apreciados pelos leitores através dos poemas contidos em seus livros, participações em coletâneas e concursos literários, com toda a certeza, ao serem publicados seus escritos inéditos, haverá uma contribuição preciosa para a literatura e dará uma nova visão ao conhecimento histórico sobre parte das lutas que formou esta nação.

## BIBLIOGRAFIA

VIANA FILHO, Pedro, Vida e Obra, *Vozes de Aço – VII Antologia Poética de Diversos Autores*, PoeArt Editora, Volta Redonda, 2010.

VIANA FILHO, Pedro, A Musa da Janela, *XXI Coletânea de Contos e Poesias do GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos*, Volta Redonda, 2005.

VIANA FILHO, Pedro Alves, A Hora da Colheita, *XXII Coletânea de Contos e Poesias do GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos, Volta Redonda*, 2007.

VIANA FILHO, Pedro Alves, Mi*nhas Trovas Mais Queridas.* Impressão: Tipografia Nogueira Ltda, 1975.

VIANA FILHO, Pedro Alves, *Sonetos Para Você*. Impressão: Tipografia Nogueira Ltda, 1976.

VIANA FILHO, Pedro Alves; GOMES, Jean Carlos, *Bolas de Sabão, Sonetos e Poemas*. Composto e impresso pela Editora Valença S.A., 1998, p. 3, 7, 14, 18, 31.

VIANA FILHO, Pedro Alves, *A carta de Pero Vaz de Caminha*, impresso em 2005.

VIANA FILHO, Pedro Alves, *As Maravilhosas Parábolas de Jesus*. Composto e impresso pela Editora Valença S.A., 1993.

VIANA FILHO, Pedro, *O Mais seleto Humor Evangélico*, volume I, composto e impresso pela Editora Valença S.A., 1993.

VIANA FILHO, Pedro, *O Mais seleto Humor Evangélico*, volume II, 1994.

VIANA FILHO, Pedro, *O Mais seleto Humor Evangélico*, volume III, composto e impresso pela Editora Valença S.A., 1995.

VIANA FILHO, Pedro, *O Mais seleto Humor Evangélico*, volume IV, composto e impresso pela Editora Valença S.A., 1996.

VIANA FILHO, Pedro Alves, *A Arca do Rei Salomão*, Editora Valença S.A., 2001.

# R. GORI:
# INCONTÁVEL, INCONTÍVEL

Flávia Souza Lima[7]

– Ronaldo, João!

A mãe da criança fora enfática com o marido. De saída para o cartório, ele perguntava pela enésima vez qual seria o nome do filho. Ronaldo, estava dito.

Por distração do tabelião ou, mais provavelmente, mineirice do orgulhoso pai, a certidão de nascimento lavrada na cidade de Ubá,

[7] Jornalista, poeta, ocupa a cadeira 20 da AVL.

em julho de 1936, exibia o nome completo do menino: Ronaldo João Gori.

Uns dizem que é lenda. Mas a própria Dona Jacy, anos depois, dizia com relativo bom humor que o fato era real. Ao driblar a pontuação, João dera um jeitinho de colocar o seu nome no filho. Lenda ou não, o nome de Ronaldo Gori, já nasceu enfeitado por histórias. Não é de se espantar que em sua vida mesclem-se, indissociavelmente, as trajetórias pessoal e profissional.

Misturam-se, inclusive, com a história de Volta Redonda, lugar em que pisou ainda na primeira infância, aos 3 anos. Um "arigozinho", pois.

Nos anos 1940, no território da Fazenda Santa Cecília, onde viria a se edificar a cidade, preparava-se a construção de uma usina siderúrgica. No imenso canteiro de obras da futura Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), pousaria uma imensa revoada dos chamados "Arigós" que, tal qual as

aves, migravam de seus lugares de origem em busca de condições de vida mais favoráveis. A mão de obra dos trabalhadores que ergueram a fábrica, portanto, era a desses pássaros-operários, alojados coletivamente em habitações de madeira. Mais privilegiados inclusive na hierarquia geográfica, profissionais norte-americanos foram importados num primeiro momento como consultores e, numa etapa seguinte, outros estrangeiros. O movimento migratório trouxe também profissionais e engenheiros de outras partes do país. João Gori Sobrinho, o Eng. Gori, foi um deles.

Gori, o pai, foi, portanto, um desses braços – sobretudo, foi uma das cabeças que edificaram o atual município de Volta Redonda, onde se estabeleceu ao lado da esposa Jaci de Paiva Gori e o menino Ronaldo. Nasceram depois as duas filhas do casal, Marilene e Maryan. A relevância de sua atuação está impressa em logradouro público desde 2012. Uma das pontes situada na Rodovia dos

Metalúrgicos, sobre o Rio Cafuá, no Bairro Jardim Tiradentes, leva o seu nome.

A residência da família era na Vila Santa Cecília, onde também habitava boa parte do grupo de engenheiros. Na virada para os anos 1950, morou na Rua 21, de onde saiu ao se casar em 1962 (com a professora Heloisa Neves Pereira, com quem teve uma filha, Patricia Regina Neves Pereira Gori, nascida em 1963, mãe de sua única neta, Amber Victoria Houde, que chegou no ano de 2000). A casa confortável, com janela debruçada sobre o movimento da via. A alma perceptiva seguramente já se encontrava ali, no menino que por horas a fio observava a vida por aquela abertura.

Toda fresta permite passagem de luz. Ronaldo João Gori foi – e segue sendo, no sentindo de que a obra é permanentemente presente – esse vão trespassado por múltiplas iluminações que, a partir de sua superfície humana, ricocheteavam generosamente.

Um caudaloso pensador contemporâneo, cujo legado é composto por vieses e atravessamentos vários, em escritas plurais: a pintura, a literatura, o ensino, a engenharia, a aviação, o desenho, o discurso. Cursou economia, pedagogia, direito, um sem-número de cursos técnicos, frequentou a ETPC (Escola Técnica Pandiá Calógeras), foi funcionário exemplar da CSN. Gregário, sempre pensou coletivamente, na profissão, na arte, em família. Foi entusiasta e membro fundadador da Academia Volta-redondense de Letras, em 2005, na qual ocupou a cadeira 3. Extremamente sensível, gentil, afetuoso, conversado, prosador, contista de mão cheia, historiador nato, inteligentíssimo, amigo fiel... o homem franzino, baixo, de voz firme, carregava infinitos dentro de si. E os ofertava sem limite.

São muitas as vozes de Ronaldo João Gori, todas elas brilhantes.

* * *

Escrevo para você, tio, neste outono, quase inverno de 2024.

Ficou tanto por dizer e mais ainda se acumulou nesses quase 10 anos de sua partida, em 2016. Foram 80 anos. Foi rápido. Foi pouco.

Reli esses dias o seu *Estórias & Contados*, de 1987, que me chegara em mão à época do lançamento. Então aos 15 anos talvez eu não tenha tido a dimensão do conteúdo daquele pequeno volume de capa azul com título amarelo, ilustrado com imagens feitas à mão, remetendo aos personagens de seus contos. E que contos, aliás! Tentei em vão encontrar a sua peça de teatro no mundo de papéis guardados. O único registro que trago é uma citação da Rita Pavone. E nada além. O que sei, incontornavelmente, é que seu tecido literário é trama que resiste ao tempo. Já ia dizer surpreendente. Mas o que mais se poderia esperar de sua escrita, afinal?

Pós-moderno, evidentemente, embora muito jovem para pertencer à geração de 1945 (a de João Cabral, Rosa, Lispector e outros) e mesmo para integrar os "mineiros do apocalipse" (dentre os quais Sabino, Mendes Campos, Lara Rezende), estes, com os quais sua verve muito se identifica, um autor de grande estatura. Interessante reencontrar situações e personagens egressos, supostamente, de sua inspiração cotidiana. Todos muito humanos, precisamente retratados sob o olhar de escritor interiorano-industrial.

Tridimensionais, com habilidades e limitações, gostos e desgostos, passado e presente. O Vovô Índio (antecipando, décadas antes, a tendência decolonizadora) daria uma ótima figura para um filme, assim como a história de Chantecler, o galo, e a de Gude, o cão. Sem falar nos outros tantos: advogados, trabalhadores, amigos de bar, apaixonados, mulheres atraentes, *gays,* um sem--fim de tipos inspiradores. As imagens são de

encher os olhos, ambientando as narrativas em detalhes significativos, bonitos, emocionantes, até. Há mesmo "contados" para todos os gostos, como prometido no título: de bichos, de gente, de fatos.

A cidade? Volta Redonda está mais poluída que nunca. Já não é mais a mesma faz tempo e tenho a certeza de que você não a reconheceria em meio a essa densa nuvem de pó preto. Ou que não gostaria dela. Não falo da modificação arquitetônica ou urbanística, mas de sua dinâmica e vitalidade. Falo da essência das pessoas. Que são, ou deveriam ser, motivo e alma de cada cidade. Assim como os operários, um dia, foram. Aliás, e o Museu do Operário que você sonhou criar? Soube dele em recente conversa com sua muito amiga artista plástica, Dilma Carvalho. Seria mesmo incrível.

Falando em operários, imagina que recentemente espalharam pela cidade uns Arigós gigantes. Sim, o pássaro. Pensei logo em você, que me trouxe essa palavra desdobrável pela primeira

vez. Numa exposição a céu aberto, essas aves multicoloridas foram pousadas na Praça Brasil. Penso que você as apreciaria. Talvez.

Falando em cores, sei lá o porquê, nunca falei da beleza das suas pinturas. Ou de sua assinatura nelas, R. Gori, desenhada em curvas felizes. As pinceladas de sopro *naïf* retratavam muito de você e de sua perspectiva do mundo: colorida, direta, sincera e muito particular. Como é encantadora a simplicidade das cenas cotidianas, festas populares, praças, igrejas, paisagens e figuras humanas. Quanta entrega em seu olhar apaixonado por Volta Redonda, tema de sua primeira grande exposição exibida na Galeria do GACEMSS. A Vila, o Alto-forno, a Igreja Santa Cecília... o Memorial 9 de Novembro (A Praça que Nunca Existiu)... foram quase 120 telas destinadas à história da cidade sobre a qual você poderia discursar por horas a fio. Sem contar as outras dezenas de obras, algumas delas premiadas em diferentes ocasiões e salões de arte.

O que foi feito delas, aliás? Da sua biblioteca? Dos escritos inéditos?

Fossem outros tempos, suponho que esse manancial estaria a salvo, abrigado, possivelmente, por aquele largo escritório no casarão da Rua Monte Carlo. Aos olhos de criança aquela sala acarpetada me parecia enorme. A estante com cachoeiras de livros, mapas, papeis, revistas, aviõezinhos de montar, imensa.

Ainda hoje não decifro, mas lembro dos grafismos do Clécio Penedo, que evocavam o formato de um peixe na parede diante da sua mesa de trabalho. Meu lugar preferido da casa, sempre.

Nas notas mentais vejo ainda a camisa social abotoada de manga curta, normalmente de cor sólida. Na lateral da calça de prega, a capinha bege dos óculos de leitura trespassada no cinto (dependendo do dia, pendiam do pescoço, seguros por uma cordinha), a chave do carro no passador e, quando chegou o tempo, juntou-se à cintura o

telefone celular. E os carros? Sempre modelos arrojados. Sem falar que o olhar para o alto, além da poesia, incluía também voos pelo céu da cidade, literalmente, nos aviõezinhos que partiam do Aero Clube. Quantas vidas dentro da sua.

Nunca, absolutamente nunca, chegava de mãos vazias, com duplo sentido. Domingo de manhã, vindo da feira da Vila, aniversário, formatura, qualquer que fosse a ocasião, não faltava tempo ou amor. Noite de Natal a pino, jamais esqueço da entrada triunfal, literalmente vestido de Papai Noel, com roupa de cetim vermelho, barba de algodão e tudo mais, sustentando um enorme saco de presentes...

Ganhei alguns vida afora, sendo o mais importante, desde sempre, a confiança nas minhas palavras. O estímulo à escrita e, desconfio, mesmo a admiração por alguns poemas estão gravadas na orelha daquele meu primeiro livro (*Sobre-viver*, de 1989), ao qual está atavicamente relacionado.

Que as minhas primas queridas (não) me julguem, mas vou contar satisfeita que, toda vez ao chegar em uma reunião familiar, efusivo, cheio de conversa, logo me passava à frente na fila dos cumprimentos, dizendo baixinho, sorridente: "– Primeiro, a minha sobrinha preferida". Depois, a cervejinha com bastante colarinho. E a glosa fascinante.

Muitas saudades, tio.

Homem genial. Ponto fora da curva. História que jamais terá ponto final.

# EM MEMÓRIA DE UM HOMEM VERDADEIRO

Giovani Miguez[8]

a Vicente Melo, *in memoriam*

## UM PEQUENO RELATO BIOGRÁFICO

Recebi com honra o convite para escrever um ensaio sobre Vicente Melo. A tarefa, no entanto, não é fácil, pois envolve falar de um homem que desperta profundos afetos em mim. Permitam, portanto, um breve e modesto preâmbulo biográfico

[8] Escritor, poeta, membro correspondente da AVL.

antes de mergulharmos na poética que a vida e a obra deste homem autêntico inspiram em todos aqueles que tiveram a oportunidade de conhecê-lo.

Vicente Paulo de Melo, nascido em Volta Redonda em 19 de julho de 1945, foi um jornalista combativo que se dedicou à militância em causas culturais e sindicais durante a Ditadura Militar. Ao lado de outros colegas, fundou o jornal *Opção*, um dos primeiros periódicos no jornalismo da Cidade do Aço.

Desde a década de 60, quando trabalhava no setor cultural da CSN e participava de um grupo de teatro, Vicente Melo se envolveu intensamente na vida cultural da cidade. Escreveu para diversos jornais da região, participou e dirigiu movimentos e entidades culturais.

Entre 1974 e 1997, integrou cinco diretorias do GACEMSS – Grêmio Artístico e Cultural Edmundo de Macedo Soares e Silva, instituição de referência cultural em Volta Redonda. Como presidente do

Grêmio, implantou cursos artísticos, abriu o teatro, criou a primeira galeria de arte da cidade, um cineclube e uma intensa programação que revitalizou a vida cultural dos anos 80.

De 2013 a 2015, o jornalista atuou como membro da Comissão da Verdade "Dom Waldyr Calheiros", criada pela Câmara Municipal de Volta Redonda para apurar os fatos, as vítimas e os agentes repressores dos casos ocorridos durante a ditadura militar.

Em 2021, quando nos deixou, Vicente Melo ocupava o cargo de Presidente da Academia Volta-redondense de Letras – AVL, entidade à qual pertencia desde 2012, ocupando a cadeira nº 20. Atualmente, é merecidamente patrono da Cadeira nº 37 da Academia.

Após este breve relato biográfico, surge a pergunta: o que mais se pode dizer sobre Vicente Melo? O que um poeta, como eu, pode falar de um homem que teve tamanha relevância para a cidade

onde nasci, mas que ao mesmo tempo preservou tanta discrição em sua vida privada?

O que direi, daqui em diante, não se trata de Vicente em si, mas sim das minhas experiências após o privilégio de conhecer este homem autêntico que, por duas décadas, me marcou com sua sabedoria e sua sinceridade existencial. Falar mais do que isso seria desonrar a sua memória e a sua própria essência, sua passagem por este planeta com conjecturas pobres e especulações vazias.

## "NA DÚVIDA, NÃO VÁ!"

Em 2004, tive a fortuna de conhecer Vicente Melo. Vinte anos se passaram desde então, mas a lembrança daquele encontro permanece vívida em minha mente. Naquela época, aos 24 anos, eu fervilhava com sonhos e ideais. Entre eles, a militância política e a criação da *Revista Médio Paraíba*, um projeto cultural e político que,

infelizmente, não resistiu às intempéries do tempo. Um dos principais motivos para o fim da revista foi a minha teimosa recusa em ouvir os sábios conselhos de Vicente, um mentor que hoje homenageio nesta fase mais madura da minha vida, quando finalmente sou capaz de apreciar a preciosidade daqueles ensinamentos.

Vicente chegou a colaborar com a revista, mas os interesses políticos da época o afastaram do projeto. Decepcionado com a crueza do embate político e temendo represálias contra os envolvidos, encerrei a revista prematuramente. Nos vinte anos seguintes, encontrei-me com Vicente apenas uma dúzia de vezes, a maioria entre 2004 e 2007. Esse número pode parecer pequeno, principalmente para alguém que hoje assume a tarefa de escrever este tributo em sua homenagem. No entanto, aqueles que tiveram a honra de compartilhar, por um breve momento que seja, da companhia deste homem extraordinário sabem que o que importa não é a

quantidade, mas a qualidade das interações. Impossível sair ileso de um encontro com Vicente. Quem teve a oportunidade de estar com ele, mesmo que por um breve instante, certamente agregou algo à sua vida, por mínimo que seja.

Em uma dessas ocasiões, confessei a Vicente minhas dificuldades em aprender a dirigir. Ele, como sempre, ouviu com atenção, demonstrando o dom da escuta que caracterizava os verdadeiros sábios. Após ouvir minhas lamentações sobre os medos que me impediam de assumir o volante, ele ponderou por alguns segundos, acenou com a cabeça e, com a voz serena, proferiu a frase que moldaria minha vida para sempre:

"O segredo é: na dúvida, não vá!"

Concordei veementemente, reconhecendo a importância da prudência ao volante. Mas ele, com a sabedoria que exalava de seus poros, prosseguiu:

"Mas o mais importante é levar essa lição para toda a vida."

Naquele dia, recebi uma lição que, infelizmente, só pude compreender de fato anos mais tarde. Através daquele simples conselho, Vicente me guiava para além das minhas apreensões com a direção, convidando-me a refletir sobre a importância da cautela em todos os aspectos da vida.

Aquela frase simples, dita por um homem prestes a completar sessenta anos, poderia ser vista como uma pérola lançada aos porcos, considerando a arrogância e a impetuosidade de um jovem cheio de sonhos e certezas. Incapaz de ouvir, eu desejava apenas falar, impor minhas vontades e afirmar-me como alguém experiente e seguro de si.

No entanto, Vicente, com sua sabedoria inigualável, reconhecia que aquela frase era uma semente que, com o tempo, poderia germinar e produzir frutos valiosos. A prova disso reside no fato de que hoje me encontro aqui, escrevendo estas memórias e eternizando o afeto profundo que nutro

por este homem excepcional. Um afeto que, talvez, estivesse destinado a permanecer apenas em nossas lembranças, se não fosse pela insistência de Vicente em me guiar para o caminho da sabedoria. Caminho este que me tornou um homem consciente da importância de documentar minha existência e, com ela, os encontros que tive.

## POSFÁCIO A UMA OBRA RECATADA

Na publicação *Vicente Melo: fragmentos* (2022), organizada pelo poeta José Huguenin e disponibilizada pela AVL em seu *site*, encontramos parte de uma escrita literária, digamos, econômica, deste jornalista que, apesar de ter escrito muito para os jornais, dedicou-se pouco à produção de textos literários e autorais.

No entanto, se sua obra documentada, ao menos a que se conhece por meio desta publicação e, ainda de outra, *Vida dedicada à cultura* (PoeArt,

2022), livro organizado pelo poeta Jean Carlos Gomes, atual presidente da AVL, não é muito extensa; ao contrário de sua vida e suas palavras que, se registradas, certamente dariam um tratado de como viver bem, poética e filosoficamente, a vida.

Enfim, era assim que eu o percebia: Vicente era poesia e filosofia encarnadas. Sua simples existência no mundo era uma obra literária, uma obra aberta que, embora tenha terminado, como é o destino de todos nós, ainda me deixa com uma estranha sensação de que está inacabada à espera das próximas páginas.

Nas próximas linhas, pretendo, a partir de parte desses poucos textos autorais de Vicente aos quais tenho acesso, escrever um posfácio para sua obra parcial, que, embora modesta em extensão, é gigantesca em sua profundidade ético-existencial e reflete justamente o homem verdadeiro que Vicente foi em vida e que se imortaliza em sua obra.

"A cultura como identidade, amparo, deleite e valor precisa ocupar o seu lugar", ele defendia; e sua vida, não resta a menor dúvida, foi o testemunho da verdade desta afirmação.

Não obstante ser um homem de ação que reconhecia a relevância do "saber empírico", Vicente reconhecia que "a poesia é o prazer onírico / que promove a humanidade".

Não sei, sinceramente, se nosso poeta era materialista ou espiritualista. Basta-me apenas saber que para ele

*Nós somos o todo: a visão, emoção e razão*
*do início ao fim que, aliás, inventamos,*
*como pequenos deuses em nossos sins e*
*| nãos.*
[...]
*Se não somos os tolos da visão, emoção e*
*razão, por que acabar como sabão?*
*É só quebrar o espelho e dobrar a esquina*

*da quarta dimensão.*

Sensível, nosso poeta encontrava no tempo, seus melhores simbolismos e, a olhar para a primavera, reconhecia nela o "tempo feminino que recicla em nós a necessidade de magnificar a existência", conferindo a ela com justiça o título de Estação Mulher.

Em poemas como *Instante* e *Existenciando*, Vicente parece estar se confrontando com o "instante mágico" sem perder de vista o "tempo tardio" que tanto abre "caminho para a eternidade" quanto nos enseja uma "intensa emoção e medo de acabar". Emocionado, peguei-me em profunda comoção, tentando imaginar, em que momento da sua vida, tais poesias o atravessaram dando forma a poemas tão sinceros e genuínos.

Na sua prosa, nosso poeta mostrou-se um volta-redondense, ao mesmo tempo consciente da necessidade de "reconstrução de uma identidade

que inaugure o novo caminho que [Volta Redonda] está sendo obrigada a trilhar", e ciente do papel da cultura e das artes nessa reconstrução. Talvez por isso, ele nutria esperança de que na produção literária dos artistas da nossa Volta Redonda, "o leitor encontrará a arte poética, o conto da esperança, a crítica à mazela, a crônica educativa [e] sobretudo o desenho e redesenho de um caminho belo que trazemos latente e que nos moverá eternamente para o sentido da luz."

Embora Vicente e eu nunca tivéssemos conversado sobre, a impressão que tenho é que concordaríamos com a necessidade da "Cidade do Aço" se transformar na "Cidade da Cultura". Ao menos, parece-me que toda sua vida percorreu um inexorável caminho nesse sentido.

O único conto ("O lambari que pensa"*)* e a única crônica ("Caminhando") a que tive acesso de Vicente, quando lidos, traziam sua voz serena e sua inflexão peculiar da fala à mente. Se posso ousar

afirmar, esses textos sintetizam o homem verdadeiro que conheci. Afinal, Vicente era esse lambari pensante que reconhecia (ao menos esperava) que não havia "razão para a paz, pois ninguém trabalhou para conquistá-la". Mas que nas "águas do grande rio [da vida] há espaço para todos…" Se ele, como tantos sábios, acreditou, sinto-me no dever de assumir esse lambari que sou e seguir meu cardume jamais abrindo mão de pensar.

Vicente, por 76 anos, caminhou, e caminhando, viveu, sonhou e amou. Como em sua crônica, ele acreditou "em seus passos e trejeitos para domar os obstáculos" que surgiram "aqui e ali no universo desse andarilho de si" que foi "levado por uma confortável vontade de que basta vencer o tempo, seja qual for o caminho."

Seu caminho foi rico em nitidez ideológica e fartura existencial. Ninguém vence o tempo. Vicente a ele sucumbiu, talvez antes da hora e deixando

apenas em sua mente o melhor de sua sabedoria. Mas sua vida foi poema, crônica, conto, romance e ensaio, escrito sem papel e caneta, mas com muito trabalho.

## CRÔNICA AO HOMEM VERDADEIRO

Em meio à sinfonia caótica da vida, existia um homem. Não era um ser de holofotes, de urros e estridências, mas sim um ser que sussurra e entoa uma melodia suave que vem do fundo da alma. Um homem verdadeiro, orquestra de si mesmo, regendo a sinfonia da sua existência com maestria e sabedoria.

Seu cabelo, embora ralo, grisalho como a prata do tempo, assim como suas rugas, eram um mapa das estradas que ele percorreu, cada ruga um testemunho das batalhas vencidas e das lições aprendidas. Seus olhos, poços de serenidade que

brilhava e refletia a imensidão do universo que ele carregava dentro de si.

Ele era um homem rico, mas sua riqueza não se media em moedas ou bens materiais. Sua riqueza era a inteligência que brilhava em suas palavras, a sabedoria que emanava de seus gestos, a simplicidade que permeava sua alma.

Vivia em harmonia com o mundo, apreciando a doçura do mel da vida, mas jamais se deixando levar pela amargura do fel. Enfrentava os desafios com bravura, mas sempre buscando soluções pacíficas. Foi assim até o último dia de sua caminhada entre nós.

Era um homem modesto, não por falta de ambição, mas por plenitude. Não buscava reconhecimento ou fama, mas sim a paz interior e a realização pessoal. Sua riqueza estava na fartura cultural que alimentava sua mente, na simplicidade que acalmava seu coração e na responsabilidade social que guiava suas ações.

Ele era um farol na noite, iluminando o caminho para aqueles que, como eu um dia, se perdiam na escuridão. Um porto seguro para os que precisavam de abrigo, um ombro amigo para os que precisavam de consolo. Nunca me deparei com uma pessoa sequer que não nutrisse admiração e respeito por ele.

Um homem verdadeiro, Vicente era um ser raro, uma joia preciosa em meio ao mundo materialista. Ele era a prova de que a verdadeira riqueza reside na alma, na sabedoria e na simplicidade. Sua vida foi um exemplo a ser seguido, um hino à autenticidade e à verdade. Ele ensinou, a quem soube aproveitar as lições, que a felicidade não está nas coisas que possuímos, mas naquilo que somos. Essa era a sua verdade.

Que a sua história inspire a todos nós a buscarmos a nossa verdade, a vivermos com sabedoria e a cultivarmos a riqueza da alma. Que sejamos, cada um de nós, um farol de luz neste

mundo que tanto precisa de verdade e de amor. Que Vicente, embora jamais tivesse essa pretensão, tenho certeza, seja acolhido como mestre por aqueles que foram agraciados com a oportunidade de viver no mesmo tempo em que ele viveu.

## E SE FOSSE POSSÍVEL UM ÚLTIMO ENCONTRO?

O tempo, rio caudaloso que carrega a vida em sua correnteza, me levou a um reencontro, ainda que imaginário, inesperado. O homem verdadeiro, outrora vivente entre nós, agora se apresentava diante de mim, banhado pela luz dourada do crepúsculo.

Naquele passado não tão longínquo, eu ainda era um jovem impetuoso, navegando pelas águas turbulentas da vida, sem perceber a profundidade da sabedoria que me cercava. O homem verdadeiro, com seus olhos serenos e palavras ponderadas, era

um farol em meio à tempestade, guiando-me com a luz da sua experiência.

Agora, os anos esculpiram em meu rosto as marcas do tempo, mas também me presentearam com a maturidade necessária para apreciar a riqueza das suas palavras. Sentamo-nos sob a sombra de uma árvore frondosa, e a sinfonia da natureza nos envolveu em um manto de paz.

As palavras do homem verdadeiro fluíam como um rio caudaloso, carregando consigo a sabedoria de anos. Ele me falava sobre a importância de viver com autenticidade, de buscar a verdade em cada passo, de cultivar a compaixão e a justiça em cada gesto.

Ouvia suas palavras com o coração aberto, absorvendo cada gota de sabedoria como um néctar precioso. Cada frase era uma revelação, cada ensinamento uma bússola para guiar meus passos na jornada da vida que ainda tenho pela frente. Agora, entretanto, com a sabedoria necessária,

para colher os frutos que abundavam de tanta sabedoria.

Senti como se estivesse diante de um sábio ancestral, compartilhando comigo os segredos de um mundo que, apesar de obscuro, não podia ter seu potencial de esperança negligenciado. O tempo parecia se dissolver, e a única realidade presente era a sabedoria que emanava do homem verdadeiro.

Ao final do encontro, despedi-me com o coração transbordando de gratidão. O homem verdadeiro me havia presenteado com um banquete de sabedoria, um alimento que nutriria minha alma por toda a vida.

Caminhei em direção ao sol poente, levando comigo a luz das suas palavras e a certeza de que a verdadeira riqueza reside na sabedoria e na simplicidade. O homem verdadeiro, guia e mentor, me ensinou que a vida é uma jornada de

aprendizado constante, e que a cada passo podemos encontrar a verdade e a felicidade.

Enfim, Vicente, esse homem verdadeiro, descansou em paz.

## AS QUALIDADES DESSE HOMEM VERDADEIRO

Na vida, conheci muitos homens e mulheres. Alguns inteligentes, outros nem tanto; alguns considerados bem-sucedidos, outros nem tanto; alguns cruelmente realistas, outros excessivamente idealistas. A maioria dessas pessoas com idade para ser meu pai ou minha mãe. Mas nenhum deles poderia ocupar esse lugar, pois não faziam parte da minha ancestralidade. Vicente, entretanto, diferentemente de muitas dessas pessoas, justamente por não pecar pelo excesso e muito menos pela precariedade, mostrou-se um homem de qualidades, um homem verdadeiro que com este texto pretendo homenagear.

Vicente era como um rio calmo, profundo e sereno. Sua sabedoria não se ostentava em frases rebuscadas, mas sim na simplicidade de seus conselhos, sempre ditos com a voz serena e o olhar acolhedor. Era um homem íntegro, daqueles que dizem o que pensam e fazem o que dizem, sem medo de se exporem ou serem julgados.

Sua honestidade era cristalina, como um lago em um dia de sol. Seus olhos, sempre sinceros, transbordavam bondade e compaixão. Era um homem de palavra, daqueles que cumprem suas promessas, mesmo que isso signifique enfrentar desafios e superar obstáculos.

A generosidade de Vicente era como o sol, que ilumina e aquece a todos sem distinção. Estava sempre disposto a ajudar o próximo, sem esperar nada em troca. Sua integridade era um refúgio para os aflitos, um porto seguro para os que precisavam de um ombro amigo e um ouvido atento.

Sua fé na humanidade era inabalável, como uma rocha no meio do mar. Acreditava no bem, na justiça e no amor, mesmo nos momentos mais difíceis. Era um homem de esperança, daqueles que contagiavam os outros com sua positividade e otimismo. Mas, em toda a sua vida, mesmo revestido dessa fé, nunca se escondeu na omissa comodidade. Na hora de lutar, lutou. Lutou, aliás, "com toda sua ternura".

Vicente era um homem simples, mas rico em valores. Sua vida — repito, repito e repito! — foi um exemplo de retidão, honestidade e compaixão. Ele me ensinou que a verdadeira riqueza não está nos bens materiais, mas sim na qualidade do nosso caráter, na bondade do nosso coração e na prudência.

Hoje, ao recordar-me de Vicente, sinto uma profunda gratidão por tê-lo conhecido. Ele foi um mentor, sem qualquer pretensão de sê-lo, e um exemplo de vida que jamais esquecerei.

Que sua luz continue a inspirar a todos que tiveram a oportunidade de conhecê-lo e que este modesto ensaio, ainda que uma pálida tentativa de o manter vivo, leve um pouco deste homem verdadeiro àqueles que não puderam, como eu pude, ter com ele um único momento que seja.

# MOVIMENTOS LITERÁRIOS

# A POESIA EM VOLTA REDONDA

Regina Vilarinhos[9]

A arte poética nos oferece a negativa da dor, nos dá o bálsamo para a alma. A poesia emite um grito coletivo. Quem a ouve se delicia como um vinho na taça. Quem a declama faz oração, conecta com o belo e proclama sua arte. Para que a poesia seja elemento presente, o poeta tem que se fazer presente ao seu tempo. Somos responsáveis e precisamos escrever, declamar, gravar e expor nossos poemas, em todos os suportes que nos forem oferecidos. Se não nos oferecem o espaço,

[9] Poeta, escritora, ocupa a cadeira 4 da AVL.

nós o abrimos seja através de saraus, *sites* colaborativos, panfletos poéticos, antologias, produção independente e tantas outras maneiras que temos de divulgar-nos.

Volta Redonda é um celeiro de escritores e escritoras, poetas e apaixonados pela escrita. Já disse isso uma vez. Temos talentos mil. Desde que comecei a divulgar as minhas poesias e de outros poetas locais, eu juntei o sobrenome SARAU ao meu Vilarinhos.

Sei que na década de 80, tínhamos eventos do GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos, eventos do grupo da Professora Emiliana Casagrande e alguns saraus feitos no improviso, por poetas do mimeógrafo. Minha disposição se evidenciou no começo de 2004, quando ainda existia a Galeria do Sendas e o Cyber Café, que nos deu espaço para um sarau às quartas-feiras. Um começo tímido, junto com Anielli Carraro, feito aos trancos e barrancos, pedindo licença aos músicos que ali tocavam para

inserir poesia naquelas noites. Joe Sany e Serginho Brothers, mais Eliton e André foram os primeiros a nos ceder microfones e, assim, começamos o Fábrica do Poema.

Dali, partimos para o bar do Genner e firmamos as noites de quarta-feira como Sarau Fábrica do Poema, junto com o poeta e jornalista Rastero. Fizemos um momento único na cidade, movimentando muitos músicos, poetas, escritores, amantes do livro, intelectuais e operários, em torno da poesia. Houve outros eventos paralelos, por ali e no Aterrado, feitos por outros poetas, mas que não tinham um calendário fixo.

Eu deixei o movimento e fui fazer faculdade; algumas vezes, fazendo parte de feiras como a FLIP, e outras pela nossa região.

Já em 2012, com a Toca do Arigó, o Poesia em Volta veio para dizer que poesia é arte sim senhor! Felipe Fox me convidou para usar o espaço e eu amo as quartas-feiras (Yansã sempre me abençoou).

Chamei de volta Anielli e juntamos o Giglio, formando o Poesia em Volta. Sempre temático, nós apresentávamos nossos escritos e abríamos o microfone para o que passou a se chamar a Fila da Poesia, dada a quantidade de pessoas que se dispunham a abrir o coração e expandir o universo de poetas ali presentes. Isso se fez até meados de 2013. Depois o Giglio se juntou com o Dio Costa e começou o Cirkunlóquios, ali mesmo na Toca. O Sarau à Moda da Casa é mais recente e eles faziam no Café Premium, de volta ao Beco da Cultura. Quando o Giglio foi para Angra, o Dio tocou o sarau sozinho, chamando mais poetas para o evento.

Era o ano de 2016. No Literarte Café, havia os saraus comandados pela Valéria Rezende, às quintas-feiras. Ela juntava Giglio, Lianto Segreto, Dio Costa, Vinícius Brandão e um grande grupo de estudantes universitários. Ficava sempre movimentado. A poeta Renata Orlandi, fez o "Sarau

da Rê", no Resenha Beer, em 2023. Reunia música e poesia. Ambos os bares no Aterrado.

O Aterrado é bairro boêmio, bairro caminho, bairro ponte. Na década de 80, a concentração de bares era conhecida como Baixo Aterrado. Isso tudo acabou, a cidade cresceu e o público dos bares também. Acho que por isso não é tão fácil de termos saraus hoje.

Como falar de poesia e arte na nossa Cidade do Aço, cercadas de chaminés, asfalto, pó cinza e desinteresse imenso pelo livro e leitura? Como ser poeta no caos urbano de hoje? Como falar de leitura, quando se fala em censuras de livros, escolas fechadas em dias de conflitos polícia x milícia x tráfico nas comunidades urbanas?

Temos um novo conceito de informação hoje que nos favorece a procura e a oferta de todo tipo de arte. Dessa forma, colocamos o leitor e o editor integrados do que fazemos. Construímos nosso caminho e vamos alimentado, uma hora ele poderá

nos levar além do que imaginávamos. E não serão as críticas despreparadas que derrubarão o trabalho de quem quer que seja.

# SARAUS EM VOLTA REDONDA, HISTÓRIAS QUE DESEMBOCAM NO CIRCUNLÓKIOS

Giglio[10]

São longos anos de saraus. Aliás… longos anos em que Volta Redonda é a terra dos saraus. Saraus por todos os lados e de todas as formas! VIDA LONGA AOS SARAUS! Porque é plural essa onda! É um movimento, uma onda, um turbilhão que acontece pelo país afora, com sarau acontecendo em todo canto, e nós fizemos e fazemos parte nisso. E quando falo nós, eu falo de

[10] Professor, poeta, ator.

uma galerona e eu.. E eu tenho um orgulho danado de fazer parte disso e quero contar como chegamos até aqui. Como cheguei.

Bom… desde a década de 80 que eu escrevo e sigo a poetada. Gostava daquele movimento de poetas que subiam em mesa, gritavam poesia e vendiam seus zines feitos com mimeógrafo e depois com xérox. Eu amava. Lembro bem de uns poetas das ruas, como o Marcos Poeta e o Fabinho. Os dois de Barra Mansa, mas que esticavam suas poesias pras mesas do Beco da Gordura. E fui acompanhando, indo, vendo, lendo… Professora Emiliana Casagrande, Jorge Gonzaga, o Gim... Vi também outros e outras falando seus poemas. Ainda no Beco da Gordura (mudaram o nome pra Beco da Cultura, mas eu, bem chegado na história e na boemia sigo falando o nome popular), uma galera boa de papo e de poesia: Rastêro, Vicente Melo… uma galera mais velha que eu, mas pra lá de moderna e engajada. E não podemos esquecer o

sarau do GLAN. Até que nos anos 90 começo a trabalhar com teatro e fazer sarau também. Com poesias dos poetas brasileiros, do Fernando Pessoa e do Baudelaire. Nada autoral ainda. E também fui seguindo, principalmente, os saraus feitos por meninas da cidade. Elisa Carvalho estava sempre se mexendo e fazendo alguma coisa. Em 2004, por aí, Regina Vilarinhos se junta ao Rastêro e Anielli Carraro e nasce a Fábrica do Poema. Regina fez minha cabeça e ganhou meu coração lá em 2011/12. Tava saindo de uma depressão enorme. Regina me chamou pra conduzir o SARAU POESIA EM VOLTA na mítica TOCA DO ARIGÓ. A Toca foi O espaço cultural alternativo da cidade e da região naquela época. E as noites de sarau eram mágicas e loucas. Reuníamos uma centena ou mais de pessoas toda semana pra falar e ouvir poesia e fazer de tudo um pouco. A lembrança aqui é de afeto, porque lembrar, lembrar mesmo… as noites pra mim eram pra lá de enfumaçadas e molhadas.

Cabe aqui um poema da época:

*Haverá um tempo*
*Onde a hipocrisia acabará*
*E cairá a máscara do racismo*
*E da discriminação*
*De onde veio a proibição*
*E a criminalização*
*Da pobreza e da maconha*
*Haverá um tempo*
*Que o mundo navegará*
*Novamente em velas de cânhamo*
*Onde os sonhos serão alegres*
*E as descobertas serão felizes*
*Onde os efeitos colaterais*
*De tratamentos químicos*
*Serão minimizados*
*Com um chá ou um cigarro*
*E quando este tempo chegar*
*Não vou precisar me esconder*

*Nem você*
*E às 4:20 queimaremos um*
*Em paz e comunhão*
*E coletividade como deve ser*

Mas…. Vida que segue, viramos trio (Anielli depois de temporada fora da cidade, junta-se a nós), e, depois de mais ou menos um ano, o trio se desfez. Regina cansou dessa pegada forte de sarau toda semana. Seguiu poetando mas abandonou os saraus. E eu assumi a parada. Chamei Ed Zambroni, poeta e músico talentosíssimo da cidade, e a então molecada da BANDA EU, VOCÊ E A MANGA pra segurar a onda comigo. Mas não durou muito. Era o SARAU POESIA JAH. Depois disso chegaram Camila Gabriela E Dio Costa. E virou SARAU À MODA DA CASA. E o trio ganhou nome: CIRCUNLÓKIOS. E, com um monte de poetas e artistas e intelectuais e malucos que sempre colaram com a gente. Muitos e muitas já vinham da época do Poesia em Volta e da

Toca: Solange Weihaibe, professora e livreira, Zaqueu Pedrosa, artista plástico, Lianto Segreto, filósofo e poeta, Raquel Leal, professora e poeta, Vinícius Brandão, palhaço e poeta, André Sodré, poeta e fotógrafo, Sérgio Galorpa, produtor cultural e poeta, Elisa Carvalho, poeta (falecida em 2023)… um tanto grande de gente. Lembramos disso tudo ano passado, quando o Sarau à Moda da Casa fez 8 anos. Lançamos até livro!

Cabe aqui outro poema da época porque lá pelos 2012,13, a gente já resistia ao fascismo que acabou chegando em 2019:

*Pegue seus escritos*
*Seus diários suas memórias seus retratos*
*Rasgue as palavras as fotos os fatos*
*Corte na carne*
*Sangre suas convicções*
*Se submeta*
*Aceite os fatos*

*Se coloque no pau de arara*
*Deixe se apagar nos jornais*
*Deixe inventarem uma vida nova*
*Onde você sem culpa é o vilão*
*Se arraste por entre os carros*
*Ria com baratas no cu*
*Sinta a dor das porradas*
*Urine com o choque nos mamilos*
*Se atire de helicóptero na Bía da Guanabara*
*Deixe que governem seu país sua vida sua*
*| morte*
*Não encare nem enfrente*
*Se cale*
*Mostre suas coisas pra Sônia*
*Peça um carimbo um passaporte permissão*
*Peça asilo*
*Vá embora*
*Que o dia dois de abril*
*Nasce sujeito a balas*
*Raios tiros e trovoadas*

*E se lhe derem corda*
*Se enforque com ela ou com seu cinto*
*Eu sinto*
*Nada mudou*
*Talvez as fardas verdes*
*Substituídas por papel vagabundo*
*Escrito com graxa*
*Talvez a música*
*E pra não dizer que não falei de flores*
*Falo de amores de drogas de crimes*
*Falo do moleque morto pela polícia*
*Ou pelo capitalismo voraz da boca de fumo*
*Falo de muitos Pinheirinhos*
*Polícia no campus*
*Barcas e passagens mais caras*
*Torno a falar de amor*
*E não me calo*
*Que calem os fracos*
*Os desavisados*
*E como dizia Roberto*

*Que tudo mais vá pro inferno.*

Mas, voltando pra nossa história... Camila se afastou e seguimos eu e Dio fazendo o sarau. Às vezes juntos, às vezes separados, como foi o caso do primeiro Sarau à Moda da Casa na Ilha Grande.

Então… queria lembrar mais dessa história toda porque eu gosto mesmo é de sarau. Mais que de livro. Porque em sarau a gente ri, bebe, fuma, namora, beija na boca e… fala poesia! Então… bora fazer mais poesia, mais sarau e estripulias! Porque a gente sabe o quanto essa história foi e é importante e o quanto poesia salva, cura, transforma, luta, resiste e revoluciona!

EVOÉ! JAH BLESS! AXÉ!

# SARAU CONVERSO:
# O ENCONTRO DAS ARTES

"No fundo, a poesia é isto: a eternização do momento."
Mário Quintana

Saulo Soares[11]

Dentre as definições constantes nos dicionários do verbete "converso" encontramos as duas seguintes: lugar onde se conversa, locutório; e a mais comum, "mudar, voltar-se". Dois conceitos distintos em sua aplicação – assim nos parece – mas que, para aqueles que viveram a experiência da participação num Sarau ConVerso, fundem-se,

[11] Escritor, poeta, Presidente da Academia Literária de Piraí. Membro correspondente da AVL.

poeticamente, num novo e belo sentido: voltar à conversa, retornar à palavra.

A palavra escrita é, antes de si mesma, a palavra pensada, dita por dentro, que reverberou na voz da consciência e, tecida pelas fibras dos mais diversos sentimentos, nasce no papel. Caberia aqui uma comparação, ainda que muito aquém e pálida, entre o bíblico "No princípio era o Verbo […] e o Verbo Se fez carne", com o "no começo é a voz e, a voz, se fez letra", que ocorre no processo de criação do poeta, do literato.

Há um frescor "original" quando, nos encontros do Sarau, ouvimos na voz do próprio poeta, a voz do poema feito letra. Muitas vezes titubeamos, engasgamos, sentimos suar as mãos… Inseguros ou não, tímidos ou extrovertidos, a cada poema ou expressão artística (falaremos disso mais adiante), um pouco de nós é oferecido aos demais, na esperança de que eternizemos o momento, como disse, acima, o Quintana.

Capitaneados por Jean Carlos Gomes, poeta, editor da PoeArt Editora, fomentador da Cultura em nossa região, atual Presidente da AVL, e – aqui destacamos com alegria – criador do Sarau em 2022. Literatura, música, teatro se unem na "grande voz", no uníssono coro cantante das belezas das artes. Afinal se, como disse Dostoiévski, "a beleza salvará o mundo", Volta Redonda dá a sua contribuição para a consecução da "salvação" que o belo nos permite.

Salva-nos da boçalidade, da rude aspereza dos dias, da cinza e do "pó" – subjetivo e objetivo, abstrato e concreto – que respiramos e, tantas vezes, salva-nos de nós mesmos, da solidão do que escrevemos.

Importante ressaltar que o movimento, a dinâmica do Sarau, não é centrípeta. Ao contrário, foge do próprio centro e vai em direção ao outro. Ao outro que necessita – daí a ação social com a arrecadação de alimentos destinados à instituição

séria e tradicional da cidade – e ao "outro-igual", os demais escritores espalhados pela nossa região.

Angra dos Reis, Barra do Piraí, Barra Mansa, Pinheiral, Piraí, Rio Claro, Resende (entre outras cidades), têm no Sarau um "local de verso" e um espaço "diverso", de acolhimento e Cultura. E esta interação entre as cidades, seus poetas e artistas, fortalece vínculos que podem resultar em ações integradas em favor da literatura no nosso Sul Fluminense.

Expressões artísticas teatrais, música, canto, vêm juntar-se à "sinfonia" proposta pelo Sarau. Atores, cantores, músicos, diretores de teatro, dramaturgos, escrevem e executam o roteiro, pintam e emolduram a tela. Uma beleza!

Saímos de lá, dos diferentes espaços cedidos para os Saraus – sim, a itinerância também é diversidade e oportunidade – felizes, satisfeitos com a "humanidade de acréscimo" (li esta expressão em

uma oração carmelita) à qual fomos expostos e da qual somos parte.

Nos Saraus são lançadas as Coletâneas e Antologias publicadas pela PoeArt. Essas obras homenageiam, por exemplo, escritores como Edir Meirelles, Salgado Maranhão (entre outros notáveis) e são compostas pelos selecionados em concursos nacionais promovidos pela PoeArt, dos quais os poetas da nossa região participam regularmente e com brilhante louvor.

Para corroborar o que afirmo, leiam o trecho destes belos versos do poema "Caminhos", da poetisa Camila Cabral, acadêmica da AVL, constantes da *XIV Coletânea Século XXI* – Homenagem ao Poeta Salgado Maranhão (PoeArt Editora, 2023):

*No meio do caminho tinha um caminho*
*E outro e outros*
*E diversas máquinas mecânicas,*

*Locomotivas, hidráulicas.*
*E dentro de uma dessas*
*Eu.*
*Pequena. Um risco uma vírgula*
*Na imensidão do piche acinzentado.*

Ainda da mesma poetisa, na obra V*ozes de Aço – XXVI Antologia Poética de Diversos Autores – Homenagem ao Escritor Edir Meirelles* (PoeArt Editora, 2024)-, os versos iniciais de "Conclusões":

*Mistura e fermenta enfim o meu.*
*Essa minha porção de tudo sem nome.*
*Das coisas que por natureza bagunçadas,*
*Nada sutis, fervilham em fel.*

Sigamos com a beleza da poesia de Rosa Ferri, em "Preparando a Festa", na Coletânea em Homenagem a Salgado Maranhão, citada anteriormente:

*Preparando a festa para todos os Santos*
*Altares*
*Toalhas de linho branco*
*Bordadas com fio de fé*
*Das mãos sagradas dos seus fiéis*

*Entremeando estrelas e balões*
*Acordeões*
*Sensibilidades*

*E a liberdade roda saias e chapéus*
*E a criança brota em todos os homens.*

Como responder ao filosófico questionamento da jovem poetisa Bruna da Silva Henrique, em "O nome do vazio", na edição que rende homenagens a Edir Meirelles?:

*Qual o nome que se dá*
*Para o vazio que fica*
*Quando algo incrível se vai?*
*Esse espaço que, de repente, cresce no peito,*
*Cheio de nada*
*Cheio de tudo.*
*[…]*
*Qual o nome do vazio?*

Enfim, só nos resta agradecer a toda equipe do Sarau ConVerso, especialmente ao seu idealizador, Jean Carlos Gomes, pelo belo e importante trabalho desenvolvido!

Sigamos firmes, atentos e dispostos!

# INSTITUIÇÕES LITERÁRIAS

# GLAN – GRÊMIO LITERÁRIO DE AUTORES NOVOS DE VOLTA REDONDA, "UM SONHO ENCANTADO"

Silvia Helena Xándy[12]

A AVL – Academia Volta–redondensse de Letras, na pessoa do poeta José Huguenin convidou--me para falar sobre o GLAN - Grêmio Literário de Autores Novos, fundado por José Luiz de Oliveira em cinco de julho de mil novecentos e setenta e cinco, considerado de utilidade pública – Decreto de Lei 1.730 de 7/4/1982. Sua sede (hoje extinta por

[12] Escritora, poeta, ex-Presidente do GLAN, ocupa a cadeira 31 da AVL

causa de um incêndio) ficava na Avenida do Contorno, número dez, no bairro Belmonte. Instituição essa que intensificou o intercâmbio cultural na nossa região, no Brasil e até no exterior, levando o nome de nossa Cidade do Aço para além-mar.

Volta Redonda se tornou, então, em um celeiro cultural com uma supersafra que se destacou poeticamente por meio das *Coletâneas de Contos e Poesias*, lançadas anualmente numa linda noite no Teatro GACEMSS.

Fiquei muito feliz e honrada por ter sido escolhida para falar do GLAN e desse personagem pioneiro que se chama José Luiz de Oliveira. É impossível separá-los. Além de sonhador e fazedor de versos, era também um homem além do seu tempo. Visionário. Com sua simplicidade, voz macia e andar compassado (sua marca registrada), conquistou amigos e muitos seguidores numa época em que não existia a *internet*.

Não poderia iniciar essa prazerosa tarefa sem incluir um texto escrito por mim em 2002, pensando em José Luiz e no futuro dessa agremiação literária:

"Hoje somos gotas orvalhadas, gotejando Poesia em cada página desta coletânea. Um misto de rosas entreabertas e botões por desabrochar. E, amanhã, seremos buquês nas mãos de poetas ansiosos por conhecer os versejadores do GLAN. E, nas bibliotecas, seremos as sementes armazenadas para um Futuro Poético." (Prefácio à *XVIII Coletânea de Contos e Poesias,* do ano de 2002).

O GLAN nasceu do anseio desse homem simples vindo da lavoura, mas que tinha um grande sonho encantado, de escrever e poetar. E, quando chegou aqui em Volta Redonda, nos anos de 1940, resolveu colocar em prática esse seu devaneio.

Imaginem só, meus caros leitores! Um trabalhador autodidata sem perspectiva nenhuma de alcançar o nível universitário e que tinha as mesmas dificuldades de um pai de família de hoje

para sustentar sua prole, mas que em nenhum momento pensou em desistir de seu propósito: criar uma agremiação literária. Ele foi o único do seu tempo que percebeu a necessidade de se criar uma agremiação onde os poetas tivessem vez e voz para divulgar seus trabalhos.

José Luiz de Oliveira arou, adubou a terra com seu ideal e fez florescer as sementinhas, abrindo caminhos para que as agremiações hoje existentes, pudessem brilhar em sua plenitude. Ele lutou bravamente por seu ideal até o final de seus dias.

Visionário e ativo, não mediu esforços para concretizar seus objetivos. E tudo isso numa época que não existia a *internet*.

Como ativista cultural, dentre outras atividades, ele criou dentro do GLAN, o Clube dos Lobinhos da Poesia, direcionado às crianças que ficavam nas ruas à mercê das drogas.

Semanalmente ele os reunia para que aprendessem sobre a leitura e a poesia.

Seu pioneirismo me faz lembrar de uma citação de Eleonor Roosevelt de que gosto muito e que parece ter sido escrita exclusivamente para ele: "*Uma geração constrói uma estrada por onde a outra trafega*."

E assim, caminhando nessa estrada criada por José Luiz de Oliveira, os demais presidentes continuaram essa história maravilhosa espelhados em suas ações.

Eu, Silvia Helena Xándy, assumi no GLAN, a partir de mil novecentos e noventa e oito, os cargos de primeira e segunda-secretária, e vice--presidente. Tive a honra de assumir a presidência de 2002 a 2006, quando então a agremiação estava para fechar suas portas por falta de apoio financeiro e demais atribulações. A luta travada para que essa entidade não morresse no campo de batalha foi bem sangrenta. Mas, pensando na labuta edificada do

nosso mestre, persisti, utilizando todas as armas possíveis para que eu não perdesse a guerra. Lancei mão de tudo e de todos que pudessem me apoiar nessa caminhada poética e literária. Não foi fácil dar continuidade ao seu sonho, pois era uma época em que ainda não existia a *internet*. O meu *Whatzapp* era mesmo o antigo telefone de linha fixa da minha casa ou o orelhão público que ficava em frente ao prédio em que eu trabalhava. Era de lá que eu movimentava todas as atividades glanistas, feitas, é claro, durante o horário do meu cafezinho da manhã ou da tarde.

Era o tempo da escrita manual! Sim, bastante trabalhoso. Eram idas e voltas ao correio para colocar e retirar a correspondência na caixa postal e respondê-las uma a uma à mão. Depois, bem mais tarde Dora de Araújo da Rocha e Silva ajudou-me por demais com seus exímios serviços de primeira-secretária.

No período da organização da coletânea era uma loucura! Tínhamos que digitar as poesias, pois os poemas vinham escritos do próprio punho dos autores, porque muitos deles não sabiam manusear o computador.

Outro detalhe importante nesse ciclo era o sigilo absoluto quanto à classificação dos poemas (que não podiam ser identificados pelo nome próprio, somente por pseudônimos). A entrega das medalhas aos classificados era sem dúvida alguma o ponto alto da festa, que era aguardada anualmente pelos nossos participantes e leitores.

Foi uma época de puro *glamour* quando, então, me esmerava junto ao mestre de cerimônia Marcio Marinho Nogueira, para que tudo saísse a contento. Como ele mesmo dizia: "Padrão Silvia Helena Xándy" (risos). Esse evento era um misto de teatro, música, artes plásticas, dança e poesia.

Não posso me esquecer do Café Poético, que acontecia no primeiro sábado de cada mês no teatro

GACEMSS, momento esse de descontração de nossos poetas em que eram lidas suas poesias.

Nossa reunião mensal era feita em qualquer estabelecimento que nos abrisse as portas, porque não dava para nós fazê-la no endereço da sede porque ficava em um bairro bastante distante e de difícil acesso para a diretoria.

Tantos outros eventos aconteceram ao longo dessa jornada. Poderia ficar aqui narrando vários e vários eventos. Há um rico acervo de fotos e textos que se encontra preservado e resguardado por mim e outros glanistas que participaram dessa deslumbrante e fascinante época.

E nossa história continua... Dia cinco de julho de 2025 o GLAN completará cinquenta anos de existência. Quem diria que chegaríamos tão longe! Espero encontrar os velhos amigos e os novos talentos que estão chegando, encantados e reconhecidos pelo nosso mister.

É importante sempre mencionar as entidades e pessoas que tanto contribuíram para o GLAN, nos patrocinaram de alguma forma porque acreditaram em nosso ideal. Nossos agradecimentos ao Teatro GACEMSS, Prefeitura Municipal de Volta Redonda, Câmara Municipal de Volta Redonda, Secretaria de Cultura, Memorial Zumbi, Biblioteca Municipal Getúlio Vargas, Coral Municipal, Banda Municipal, Orquestra de Cordas, Banda Municipal, Clube Dos Funcionários, Veredas, Colégio Manuel Marinho, FERP, Professor Waldir Bedê, Unimed, Casas Nula, AAPVR, Contabilidade Glória, Unibrás, Clajós, Fape, Casa Gomes e outros tantos.

Não poderia encerrar essa temática sem lembrar o pensamento escrito por José de Alencar, patrono do GLAN: "*Escrever ou criar arte significa tomar posição diante dos valores da vida, da sociedade e do homem*." (Fragmento do livro *O tronco do Ipê*.) A semente plantada pelo GLAN estará sempre viva na Literatura de Volta Redonda.

# NOTAS MEMORIALISTAS DA AVL

Mércia Heloísa Monteiro Christani[13]

A Academia Volta-redondense de Letras (AVL), fundada em 11 de março de 2005, hoje uma realidade, teve início através do sonho de alguns poetas, amantes da literatura e também pelo amor à cidade de Volta Redonda.

As primeiras reuniões foram realizadas com o professor José Pedrosa, Elisa Carvalho e eu, em minha residência, à noite, após o trabalho.

Foram várias reuniões entre *pizzas* e cafés, os debates indo até altas horas onde travavam-se

[13] Professora, advogada, escritora, poeta. Membro fundador, ocupante da cadeira 7 e ex-presidente da AVL.

opiniões sobre os nomes a serem indicados como participantes, os pretensos locais para as realizações das reuniões, a confecção do estatuto, as burocracias cartorárias, os convites, a escolha dos patronos, a primeira posse, as estolas, o fardão etc.

Foram muitos encontros, para, enfim, realizar a primeira posse na Câmara Municipal numa festa belíssima e muito concorrida, onde foram empossados em suas respectivas cadeiras 25 acadêmicos.

Hoje são 40 cadeiras ocupadas por membros efetivos e tendo também 20 membros correspondentes.

A partir daí, a AVL, não possuindo uma sede própria, ao longo dos tempos teve suas reuniões realizadas: na sede da OAB/VR, no Sindicato dos Professores, no Clube Fotofilatélico, e, por fim, por vários anos, no GACEMSS.

Até a presente data, foram cinco presidentes com as suas respectivas diretorias: José Pedrosa, Mércia Christani, Vicente Mello, José Huguenin e, em exercício, Jean Carlos Gomes.

A AVL vem se esforçando e lutando para que o seu papel estatutário de divulgação da língua portuguesa e literatura brasileira consiga em todas as suas formas, gêneros e estilos, ganhar força e forma, além de difundir, incentivar e proteger a produção literária em todos os seus estilos: poesia, contos, romance, crônicas, narrativas históricas e científicas etc.

Vários projetos a curto, médio e a longo prazo foram formulados e muitos já executados.

Citemos como exemplo o projeto "Vinícius de Moraes", tendo como plano piloto a escola municipal Lions, que foi realizado com excelência, com o envolvimento integral do corpo docente e discente da escola, projeto que foi desenvolvido e adaptado à grade escolar, incluído em todas as matérias, com a

culminância de uma efeméride, onde os alunos mostraram os seus talentos e dons, através de belos poemas, poesias, jogral, música e outras atividades. Ali, de forma surpreendente, muitos talentos foram descobertos.

A AVL fez parceria com a Secretaria de Educação para a realização de Concursos Literários, envolvendo toda a comunidade escolar. Além disso, foi parceira da secretaria no projeto Poesia & Ponto envolvendo muitos poetas da cidade e incentivando novos talentos.

Fez parceria também com o Centro Universitário Geraldo di Biasi, acordo de cooperação técnica, visando a interação com os cursos de letras, tendo como primeira atividade o Encontro Sul Fluminense de Escritores.

Foram realizadas diversas rodas de leitura, homenageando poetas e escritores de grande vulto, como Vinícius de Moraes, Clarisse Lispector entre outros, juntamente com um poeta da nossa terra.

A AVL participou de forma efetiva na Primeira Bienal do Livro realizada na cidade e de Bienais realizadas em outras cidades do nosso estado e continua participando sistematicamente ao longo dos anos.

Os acadêmicos vêm representando a AVL em diversas realizações culturais ao longo dos anos de sua existência, tanto em nossa cidade, como em outras cidades e estados, um exemplo é a FLIP;

Sediou uma Jornada Cultural da FALERJ (Federação de Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro), quando foi cossignatária da criação do Polo do Vale do Café da FALERJ (o primeiro da federação) com as academias de Vassouras, Piraí, Valença e Pati do Alferes.

Recentemente fez parceria com a ALALS-Académie des Lettes et Arts Luso-Suisse, realizando o Iº Congresso Internacional Luso-Brasileiro da ALALS com parceria da AVL em nossa cidade, intermediado pelo nosso acadêmico Djalma Augusto

dos Santos Mello, integrante de ambas academias citadas ao lado do presidente em exercício da ALALS, Professor Leonardo Siqueira Flores.

Muitas ferramentas de registro e divulgação da literatura de Volta Redonda e região foram feitas. Podemos citar o Prêmio Maria José Maldonado de Literatura, a *Antologia Prosa & Verso* que difunde textos dos acadêmicos e acadêmicas em diversos gêneros e está no sexto volume. Outra forma de divulgação de poetas da cidade é através da webserie Poesia de Aço, no canal da AVL no Youtube. Essa iniciativa tem a missão de divulgar a poesia da cidade do aço.

Cadastrada como Editora, publicou vários livros que podem ter sua versão eletrônica baixada gratuitamente em nosso *site* (www.avl.org.br), onde também textos dos acadêmicos podem ser encontrados. Vale destacar a série *Escritos euclidianos*, em parceria com o movimento euclidiano de Cantagalo-RJ. O segundo volume

conta com textos de acadêmicos da AVL e nomes de grande vulto nacional como Marco Lucchesi, ex-presidente da ABL, Milton Hatoum, Leopoldo Bernucci, entre outros nomes. Outro marco editorial importante foi o lançamento da segunda edição do livro *Preconceito de cor*, do imortal da AVL, José Luiz de Oliveira, no ano de 2024, ano do centenário de seu nascimento. Todos os concursos literários tiveram livros associados, que também estão disponíveis no *site* da academia.

A missão de registrar e divulgar a literatura de Volta Redonda e região e a língua portuguesa também está representada na criação da *Revista Arigó* (*RA*). Essa publicação acadêmico-literária da AVL foi criada em 2020 e está em seu sétimo número. Em 2024 a *RA* foi indexada pelos diretórios Latinex e Miguilim, o que mostra o compromisso da AVL com a excelência.

Com tudo isso, podemos ter uma ideia da relevância da AVL, que foi reconhecida como de

utilidade pública através da lei 5.057/2014, e integra o mapa de turismo do estado do Rio de Janeiro. Em 2025, a AVL completa vinte anos de fundação. Para mim, que vi a instituição nascer, que tanto me dediquei para sua criação e seu funcionamento, é uma alegria muito grande ver que cada vez mais a AVL se destaca no cenário da cultura da cidade e da região.

Nesse texto, uma breve visão das atividades e feitos de nossa instituição que, apesar das dificuldades, vem cumprindo seu papel, mantendo-se ativa, sob o manto da imortalidade, fazendo acontecer a cultura nos seus diferentes seguimentos, na nossa cidade e nas demais.

Academia Volta-redondense de Letras
www.avl.org.br
contato@avl.org.br